



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 12/06/2020

CHINA	2
Prevén políticas destinada a reducir la dependencia externa en alimentos	2
Caso de fiebre aftosa en un predio de ganado bovino	4
BRASIL	4
Precios del novillo firmes	4
Exportaciones aumentaron un 21 por ciento en mayo, mejora en valores medios	4
China redujo compras del Brasil en el comienzo de junio.....	5
Incrementan ventas de productos gourmet hacia CHINA	6
Exportadores brasileños cautelosos con los importadores chinos	6
UE reducida participación en exportaciones brasileñas de carnes bovinas	7
Hamburg Süd concretó embarque de carnes refrigerada a EE.UU.....	8
Preocupación elevado número de casos de COVID en frigoríficos.....	8
Cinco frigoríficos fueron aprobados por VIETNAM	9
URUGUAY	9
Con oferta escasa, el mercado del gordo afirma sus valores	9
EEUU supera a china en compras de carne	9
Uruguay cumplió con el 70% del cupo Hilton frente al 98% de un año atrás	10
Impulsado por EEUU, precio de exportación cruzó los US\$ 4.200	10
La diversificación de mercados sigue resultando favorable para la carne uruguaya	10
Llegaron 32 rabinos para comenzar con la faena kosher	10
Trazabilidad podría ser una opción para diferenciar animales tratados con estradiol	11
Buscan discutir, en base a ciencia, la exigencia de UE	11
Cayó consumo local de carnes durante 2019 Uruguayos comieron 5 kilos menos de cortes bovinos.....	13
Está vigente una rebaja de \$ 15 por kilo para el asado	13
“Los corrales nos enfrentamos a un nuevo desafío: cómo funcionar con una Cuota 481 reducida”	14
Turquía empezó a emitir nuevos permisos y prevé importar 200 mil cabezas de Uruguay y Brasil	14
PARAGUAY	15
Paraguay propone trazabilidad del estradiol para cumplir con exigencia de UE.....	15
Mayo fue un buen mes para las exportaciones cárnicas	15
En julio inicia el segundo periodo de vacunación contra la aftosa	15
UNIÓN EUROPEA	16
Proyecciones de carne de vacuno de la UE bajaron en marzo.....	16
BREXIT	16
<i>Boris Johnson aceptaría aranceles comunitarios en algunos productos</i>	16
<i>Flexibilizarían exigencias en controles aduaneros</i>	16
La desglobalización amenaza el acuerdo con MERCOSUR	17
ESTADOS UNIDOS	17
COVID-19 Impacto en cadena de ganados y carnes	17
<i>USDA: frigoríficos ya estarían operando al t 95% de su capacidad</i>	17
<i>USDA realizó el pago de los primeros subsidios por COVID a productores rurales</i>	18
<i>Analizan Mercado de carnes entre el productor y el consumidor</i>	18
<i>Mayor nivel de actividad pero continúan las restricciones</i>	19
<i>Precios minoristas de carnes bovinas aumentaron 13 por ciento en mayo</i>	20
<i>Sindicalistas reclaman mayores medidas de protección para los trabajadores</i>	21
Proceso judicial contra los 4 Grandes: denuncian maniobras que incrementaron los precios	21
AUSTRALIA	22
Continúa las tensiones con el gobierno chino.....	22
Exportaciones firmes aunque afectadas por la retención de hacienda	22
Mayor frigorífico cierra durante una semana por la falta de ganado para sacrificar	24
Sector restauración camino a una gradual normalización.....	24
VARIOS	26



CHILE Incrementó su producción cárnica en el primer trimestre de 2020	26
MÉXICO exportó más de 221 mil toneladas de carne en 2019.....	26
EMPRESARIAS.....	26
Wendy's anunció que la oferta de carne ya es normal	26
Avanzadas negociaciones por la venta de Frigorífico Florida (Uruguay)	27
BRF cerró establecimiento en Rio Verde (Goias) por coronavirus	27
Frigochorti realiza embarque a SUIZA (Paraguay).....	27

CHINA

Prevén políticas destinada a reducir la dependencia externa en alimentos

EMBRAPA 09/06/2020 Estudo da Embrapa prevê que o país asiático investirá em políticas para reduzir dependência externa por alimentos

Em um cenário de forte retração do PIB, com queda no primeiro trimestre de 2020 em 6,8% (a primeira contração em décadas), a China começa a sair da fase aguda da crise provocada pela pandemia da Covid-19. Preocupado com uma segunda onda da doença, o governo chinês inicia profunda reforma agrícola, com fortes investimentos em políticas públicas que priorizem o desenvolvimento agrícola nacional. O intuito é reduzir a vulnerabilidade externa do país asiático por alimentos básicos.

De acordo com a Embrapa, a China quer aumentar a segurança alimentar, diversificando seus canais de importação e suas estratégias de aquisição. Entre as estratégias, quatro delas prometem mudar a rota das importações chinesas e devem servir de alerta para o mercado brasileiro de commodities.

Os dados são do mais recente estudo da Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas (Sire) da Embrapa: “China pós- Covid- 19: um alerta ao agronegócio brasileiro”. O trabalho foi elaborado a partir de informações de agências internacionais de risco, como a Fitch Solutions Macro Research, pertencente à Agência de Risco Fitch Ratings e a Agência RaboResearch, Food& Agribusiness, departamento vinculado ao Rabobank, instituição líder em serviços de financiamento para alimentação e agronegócio.

Com o objetivo de mitigar possíveis interrupções de fornecimento de alimentos, em decorrência da crise gerada pela Covid-19, o governo chinês quer acelerar o ritmo da diversificação geográfica em relação à sua capacidade de fabricação e processamento de alimentos, evitando assim futuras interrupções de produção interna.

O país também quer retomar o megaprojeto de desenvolvimento da infraestrutura que liga 70 países da Ásia, Europa e África. O objetivo é promover o comércio com países e regiões ao longo das rotas dessa iniciativa, que incluem fornecedores importantes de grãos. O plano é conhecido como “One belt, One road”, ou mais popularmente como a “nova roda da seda chinesa”, e prevê uma série de investimentos, sobretudo nas áreas de transporte e infraestrutura, conectando regiões de extrema importância geopolítica.

Por outro lado, o governo avalia formas de adotar medidas que resultem na diminuição de riscos de interrupções das remessas recebidas do exterior em decorrência da logística dos portos exportadores, como no caso do Brasil.

Modernização do setor agrícola

A quarta estratégia é o investimento em uma profunda reforma do setor agrícola, acelerando seu processo de modernização. Além do suporte à agricultura familiar, o país busca agora acelerar a execução do plano de longo prazo para modernizar a agricultura por meio de várias mudanças incluindo forte foco na inovação e planos ambiciosos de internacionalização com vistas a assegurar a segurança alimentar. O país tem 230 milhões de agricultores. Cada vez mais pequenos agricultores estão migrando para as cidades, porém, ainda é grande a quantidade de propriedades domésticas rurais, a maioria fora da sintonia com o desenvolvimento moderno.

Aumento de subsídios

Entre outras medidas, foram priorizadas o aumento de subsídios para um incremento na área cultivada de milho, a reativação da suinocultura – setor que ainda enfrenta fortes consequências pelo surto da peste suína africana (PSA) que já dizimou cerca de 50% do rebanho suíno chinês-, e a formação de estoques estratégicos que garantam o fornecimento de alimentos à população em tempos de pandemia.

China: ainda o maior mercado de destino das exportações mundiais

No entanto, mesmo diante de um cenário que busca reduzir a dependência internacional por alimentos, a China ainda continuará sendo, nos próximos anos, o maior mercado de destino das exportações mundiais, entre elas as de grãos – como as commodities de soja e milho-, e de proteínas, especialmente



carnes suína e bovina. Em 2025, a China deverá ter uma população de 1,438 bilhão, concentrada principalmente na área urbana (65,4%) e não terá condições de suprir o mercado interno de alimentos.

“A epidemia da Covid-19 alterou a estabilidade alimentar de uma nação gigantesca e dependente de inúmeras fontes, internas e externas, para a segurança alimentar de seus cidadãos. O necessário fechamento de cidades (lockdown), regiões, portos, rodovias, aliado ao isolamento social forçado de milhões de pessoas, afetou drasticamente a circulação de alimentos, insumos, rações animais, a disponibilidade de mão-de-obra para as atividades produtivas e industriais, inibindo enormemente a produção interna. A China tornou-se mais dependente de um mercado externo, também fortemente afetado pela pandemia da Covid-19”, afirma Mário Seixas, pesquisador da Embrapa e autor do estudo.

Ele acrescenta a isso outros fatores agravantes que levaram a China a adotar medidas voltadas para o seu desenvolvimento nacional, entre elas o retrocesso da produção agrícola em algumas regiões do país asiático devido à poluição ambiental e restrições de uso da terra, bem como o surto da Peste Suína Asiática (PSA), que tem provocado o declínio econômico de milhares de pequenos produtores, além da disputa comercial EUA-China.

“O surto da peste suína africana (PSA) começou em agosto de 2018, e, por pouco, não dizimou o setor suíno. A PSA ainda está muito presente na China, apesar das medidas tomadas pelas autoridades para contê-la e apoiar uma recuperação da produção. Para o período 2020 a 2024 é estimada uma evolução média da produção suína de cerca de 3,7%,. No entanto, o país seguirá dependendo de fornecimento internacional da proteína”, diz o pesquisador.

Seixas acredita que a China manterá déficit nas carnes suína e bovina nos próximos anos, mas a concorrência será grande nesta última, vinda principalmente da Austrália, país que está mais próximo da China.

Logística dos portos internacionais

O pesquisador da Embrapa ressalta que as medidas adotadas pelo governo chinês sinalizam que o país aprendeu com a primeira fase da doença e por isso quer se preparar para os riscos de a pandemia mundial dificultar e até mesmo reduzir o escoamento da produção dos países exportadores, em especial, Argentina, Brasil e Estados Unidos. O Brasil envia a maior parte da soja, milho e algodão pelo porto de Santos; os EUA concentram seus pontos de exportação de milho e soja no noroeste do país e em Nova Orleans. E a Argentina, pela região de Rosário.

A logística dos portos brasileiros é vista como um elo fraco da cadeia de suprimentos que canaliza as exportações de grãos, carne, açúcar e outros produtos agrícolas do país para o resto do mundo. O risco de interrupção das remessas ao exterior devido a problemas de isolamento social e logísticos de transportes e armazenamento nos terminais e de disponibilidade de mão de obra, como resultado da pandemia da Covid-19, preocupa a China.

“Um exemplo mencionado pelas agências de risco foi o ocorrido em março deste ano, quando uma ameaça de paralisação dos trabalhadores no porto de Santos foi evitada, após a implementação de um pacote de medidas para reduzir o risco de infecção sanitária no porto”, diz o pesquisador da Embrapa.

Acordo comercial EUA-China

Outro alerta relevante para o agronegócio brasileiro diz respeito aos crescentes riscos relacionados aos compromissos assumidos pela China no âmbito do novo acordo comercial com os Estados Unidos.

“O mercado chinês de soja continuará demandando o produto do mercado exterior e o Brasil deverá estar atento aos riscos e oportunidades”, declara Seixas. Ele destaca que há previsão do aumento do consumo da soja pelos chineses em 3,3%. Porém, o grão é o ponto focal no comércio agrícola entre EUA e China, devido ao grande volume de comércio.

As exportações brasileiras dessa commodity atingiram 16,3 milhões de toneladas, em abril de 2020, 73% a mais do que no mesmo período de 2019. No entanto, devido ao acordo EUA-China, o país asiático deverá aumentar o volume de importação dos Estados Unidos, fechando 2020 com 90 milhões de toneladas adquiridas dos americanos, 10 por cento a mais do que em 2019.

Em relação ao milho e trigo, o governo chinês declarou que não haverá alterações no atual sistema de cotas de importação. Mas estima-se que a China incremente consideravelmente as aquisições de milho e trigo dos EUA, em detrimento de outros parceiros internacionais como Ucrânia (milho), Canadá e Austrália (trigo), como forma de cumprimento da primeira fase do acordo EUA-China.

Sobre o milho, o relatório alerta que uma das prioridades da política agrícola destinadas a mitigar o impacto da Covid-19 será o aumento de subsídios e incremento na área cultivada, bem como investimentos em medidas sanitárias para o enfrentamento da lagarta do cartucho que atinge a produção de diversas culturas chinesas, entre elas o milho.

Sustentabilidade ambiental

O estudo da Embrapa também chama atenção sobre a questão da sustentabilidade ambiental relacionada ao setor de proteína animal, com vistas às exportações do agro brasileiro. Internacionalmente, as preocupações com o meio ambiente, a mudança do clima, a preservação das florestas e a questão da sustentabilidade ambiental estão na agenda global.



“Para o agronegócio brasileiro, o tema é altamente relevante e é um alerta importante para o futuro das exportações”, afirma Seixas.

Em 2019, ocorreu um aumento acentuado nas atividades sustentáveis relacionadas à carne bovina, globalmente. A iniciativa da Associação Brasileira de Produtores de Carne Carbono-Neutra foi criada para desenvolver a oferta e a demanda por carne bovina produzida em sistemas integrados com florestas que compensam ao final a emissão de gases metano feita pelos animais.

“Definir o que constitui a produção sustentável de proteína animal é complexo, pois os impactos da produção sobre o meio ambiente e os animais variam entre espécies locais e sistemas agrícolas. Essa falta de clareza dificulta os esforços para desenvolver estratégias de sustentabilidade em longo prazo. Os sistemas de produção de proteínas animais estão em constante evolução e o desenvolvimento tecnológico e a inovação desempenharão atribuições cada vez mais importantes no desenvolvimento do setor de proteína animal. Nesse aspecto a contribuição da Embrapa será fundamental para a geração de novas tecnologias e novos desenvolvimentos para a agricultura brasileira sustentável.” destaca o relatório da RaboResearch, Food& Agribusiness, 2019.

Caso de febre aftosa en un predio de ganado bovino

05/06/2020 - El virus afectó a 12 animales que ya fueron sacrificados.

China comunicó a la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) un caso de fiebre aftosa en un predio de ganado bovino ubicado al centro del país. La información se oficializó el pasado 1 de junio y se trata de 12 animales que ya fueron sacrificados.

El director de la consultora Tardáguila Agromercados, Rafael Tardáguila, dijo a Rurales El País que es fundamental ver el avance que pueda tener el tema en el país, por ejemplo, “saber si el predio afectado está o no alejado de otros establecimientos”, ya que el virus “no se genera de forma espontánea” y “podría implicar otros brotes no informados hasta el momento”.

A pesar que China no comercializa su producción bovina en el mercado internacional, el país asiático produce anualmente 7 millones de toneladas aproximadamente. “Si se desparrama el virus implicaría sacrificar una cantidad importante de bovinos y podría tener impacto en la oferta de carne para el mercado interno”, añadió.

BRASIL

Precios del novillo firmes

As escalas de abate estão curtas e sem aumentarem, mesmo com as valorizações que vêm ocorrendo. A baixa oferta de boiadas predomina.

Nesse cenário, boa parte das indústrias têm boiadas para atender o início da próxima semana, o que gerou um “gás” na compra de gado na última quarta-feira (10/6) de véspera de feriado e provocou alta em relação ao fechamento de ontem.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, o boi gordo destinado ao mercado interno ficou cotado em R\$202,00/@, bruto e à vista, R\$201,50/@, descontado o Senar, também à vista, e em R\$199,00/@, livre de impostos (Furrural e Senar), na mesma condição de pagamento. Alta de 0,5% ou R\$1,00/@ na comparação feita dia a dia.

Para os bovinos jovens, que atendem à demanda chinesa, os negócios estão em até R\$210,00/@.

Exportaciones aumentaron un 21 por ciento en mayo, mejora en valores medios

Fonte: Jornal do Comércio. This post was published on 8 de junho de 2020

Com os chineses aumentando suas aquisições de 80.056 toneladas em abril para 118.55 toneladas em maio, as exportações totais de carne bovina (in natura + processada) cresceram 21% em maio na quantidade e 35% na receita na comparação com o mesmo mês do ano passado. As informações são da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo).

Segundo a entidade, em maio de 2020 o Brasil exportou 183.018 toneladas contra 151.270 toneladas em igual mês de 2019. Na comparação do mesmo período, em receitas, o salto foi de US\$ 577,8 milhões em 2019 para US\$ 780,1 milhões em 2020.

Com isso, o acumulado nos primeiros cinco meses do ano já apresenta uma variação positiva de 5% no volume total de carne bovina exportada, saindo de 695.151 toneladas em 2019 para 732.859 toneladas em 2020. Nas receitas, a variação é ainda maior: foi de US\$ 2,6 bilhões no ano passado para US\$ 3,1 bilhões em 2020 (+23%).

Em maio, diz a Abrafrigo, a participação da China nas exportações brasileiras do produto alcançou a 56,5% do total, somando-se as entradas pelo continente (39,3%) e as entradas por Hong Kong (17,2%). Ainda em maio, a movimentação chinesa pelo continente subiu 128,4% enquanto a realizada por Hong Kong caiu 13,5% em relação a maio de 2019.



Entre os 20 maiores compradores da carne bovina brasileira, o Chile diminuiu suas importações nos cinco primeiros meses do ano de 40.559 toneladas em 2019 para 30.233 toneladas em 2020 (-25,5%). No mesmo período, o Egito reduziu suas compras de 60.795 toneladas para 39.267 toneladas (-35,4%) e os Emirados Árabes de 40.686 toneladas para 17.020 toneladas (-58%). Elevaram suas aquisições, além da China, Rússia, de 24.984 toneladas para 29.504 toneladas (+18%) e Arábia Saudita, de 17.048 toneladas para 21.281 toneladas (+ 24,8%). Até o final de maio, segundo a Abrafrigo, 76 países ampliaram suas importações do Brasil, enquanto que 81 reduziram suas compras.

Fonte: Sistema Brasileiro do Agronegócio (SBA). This post was published on 9 de junho de 2020

CARNE - CURITIBA, 07/01/2011 - ECONOMIA - IPCA - Venda de carne vermelha em açougue no mercado municipal - Foto: Daniel Castellano / AGP / Agência de Notícias Gazeta do Povo

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o Brasil exportou na primeira semana de junho de 2020, com cinco dias úteis, 27.377 toneladas de carne bovina, com uma receita de US\$ 118.732 milhões. Em junho de 2019, as exportações tiveram um volume de 114.512 toneladas e receita de US\$ 442.144 milhões.

Na primeira semana de junho de 2020, o preço da tonelada da carne bovina foi de US\$ 4.336 mil, enquanto no mesmo mês em 2019 o valor foi de US\$ 3.860 mil, o que corresponde a alta de 12,3%.

Média Diária

Na média diária da primeira semana de junho, a receita foi de US\$ 23.746 milhões, enquanto as toneladas na média diária somaram 5.475.

Em junho de 2019, na média diária, as exportações de carne bovina totalizaram US\$ 23.269 milhões e o volume foi de 6.027 toneladas.

No comparativo entre a primeira semana de junho de 2020 e junho do ano passado, este resultado corresponde a alta de 2,05% na receita e queda de 9,15% no volume, nas médias diárias.

China redujo compras del Brasil en el comienzo de junio

09/06/2020 Em maio, gigante asiático respondeu por mais de 50% das exportações totais do produto brasileiro

A primeira semana de junho demonstrou um desempenho mais fraco nas exportações brasileiras de carne bovina em comparação ao volume registrado para o período nos últimos meses, informa a consultoria Agrifatto, com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). O volume médio diário embarcado nos primeiros cinco dias deste mês foi de 5,47 mil toneladas, com queda de 29% frente a média diária do mês de maio de 2020. No comparativo com junho de 2019, a redução no volume médio embarcado foi de 9%.

Em receita, a média diária exportada na primeira semana de junho está 30% abaixo do faturamento médio registrado em maio de 2020, chegando a US\$ 23,74 milhões.

Tais números ligam o sinal de alerta para as renegociações chinesas, de acordo com analistas da Agrifatto. “Um ‘respiro’ das compras por parte do país asiático pode afetar diretamente os preços no mercado interno, já que o consumo de carne bovina no mercado interno está fragilizado”, observa a consultoria.

Dados de Pequim

A China importou 816.000 toneladas de carnes em maio, queda de 5,3% em relação ao volume registrado no mês anterior (de 862.000, incluindo 400.000 toneladas de carne de porco), informou a agência Reuters, com base em dados divulgados no último domingo pela Administração Geral das Alfândegas. O país não forneceu um valor comparável para o mesmo mês do ano anterior, mas os dados mostraram que as importações durante os primeiros cinco meses de 2020 subiram 73,4% em comparação com janeiro-maio de 2019, para 3,85 milhões de toneladas.

Esse forte aumento, diz o órgão, deve-se ao surto de peste suína africana no país, que dizimou seu rebanho de suínos.

Os dados sobre as importações de carnes específicas para maio, incluindo carne de porco, bovina e de aves, são divulgados no final do mês.

Dados no Brasil

As exportações brasileiras de carne bovina aumentaram 21% em maio, na comparação com igual período do ano passado, impulsionadas pelo avanço nas compras da China, que respondeu por mais de 50% do total, informou na segunda-feira a Associação Brasileira de Frigoríficos (Aabrafrigo), com base em dados do governo da Secex.

“Em maio, a participação da China nas exportações brasileiras de carne bovina alcançou a 56,5% do total, somando-se as entradas pelo continente (39,3%) e as entradas por Hong Kong (17,2%)”, afirmou a Abrafrigo. No mês passado, a movimentação chinesa pelo continente subiu 128,4% enquanto a realizada por Hong Kong caiu 13,5% em relação ao mesmo mês de 2019.



Incrementan ventas de productos gourmet hacia CHINA

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 8 de junho de 2020

Os frigoríficos exportadores brasileiros vêm tentando diversificar a pauta de exportação de carne à China, acrescentando cortes de maior valor agregado. Levantamento feito pela Associação Brasileira de Angus mostra que, embora ainda tímidos na comparação com os embarques totais, as vendas de carne bovina de angus – animal de raça europeia -, registram um expressivo aumento.

No primeiro quadrimestre, as exportações de carne angus certificada cresceram 66,5% ante o mesmo intervalo de 2019, somando 193,4 toneladas. Desse total, os chineses ficaram com 102 toneladas no período.

“Se o mercado chinês mantiver as compras nesse patamar, é possível que fechemos o ano perto do recorde da raça”, disse a gerente nacional do Programa Carne Angus Certificada, Ana Doralina Menezes. Conforme a associação, as vendas de carne certificada da raça chegaram ao maior patamar da história em 2017, quando 406 toneladas foram exportadas.

De acordo com ela, a carne angus brasileira também vem ganhando espaço em países como Alemanha e Emirados Árabes. Nesse processo, disse, o país mostra que tem potencial para exportar carne gourmet, e não apenas o produto “commodity” que marca a pauta de exportações.

Entre os frigoríficos brasileiros que exportam carne angus certificada para a China, estão o paulista Frigorífico Estrela, de Estrela d’Oeste (SP), a Minerva Foods e o Grupo ARG, de acordo com a associação.

Em nota, a entidade destacou que o Estrela fez dois embarques de 27 toneladas de carne angus à China. O envio de um terceiro contêiner está previsto para os próximos dias. A carga inclui cortes de acém, costela do dianteiro sem osso, peixinho e contra filé. Em média, os cortes angus são de 60% a 70% mais caros que os de um animal sem qualquer certificação. Nas cargas embarcadas recentemente, o filé de costela angus foi vendido a US\$ 11,2 mil à China. No mercado internacional, um filé de costela não certificado vale de US\$ 5,5 mil e US\$ 6 mil por tonelada, de acordo com a associação.

Exportadores brasileños cautelosos con los importadores chinos

Fonte: Valor Econômico. This post was published on 8 de junho de 2020

O modo chinês de negociar continua a intrigar os participantes da indústria frigorífica da América do Sul, região responsável por cerca de 70% das importações de carne bovina do país asiático. Ninguém duvida do gigantesco potencial de compras da China e só loucos ousariam ficar de fora do mercado. Mas a rotina comercial é desgastante, com importadores pedindo renegociação de contratos, descontos e mesmo cancelamento de compras.

Há dois meses, a alegria entre exportadores era indisfarçável graças ao fluxo positivo de embarques à China, mas não era capaz de anular o sentimento de desconfiança entre aqueles que sofreram com o expressivo movimento de renegociação de contratos deflagrado pelos importadores chineses entre o fim do ano passado e o início de 2020.

“Cachorro mordido por cobra tem medo de linguíça”, advertira, em entrevista concedida em 14 de abril, um empresário da indústria. Poucas semanas depois, o receio se revelou premonitório. Desde meados de maio, os importadores chineses vêm tentando emplacar descontos de até 25%. O Valor apurou que os pedidos de descontos oscilam entre US\$ 500 e US\$ 1 mil por tonelada. Antes da recente ofensiva dos importadores, o valor recebido pelos exportadores brasileiros estava próximo de US\$ 5 mil.

Na prática, o movimento especulativo prejudica principalmente os frigoríficos de pequeno e médio porte, que não têm gordura financeira para queimar, sendo muitas vezes forçados a vender o produto a preços pouco atraentes.

Por outro lado, as indústrias de grande porte – gigantes como JBS, Marfrig e Minerva Foods -, possuem melhores condições para resistir às pressões comerciais devido ao histórico de relacionamento com clientes chineses. A depender de quão alongada a carteira de vendas estiver, os grandes também podem se dar ao luxo de segurar as vendas até que os preços da carne se normalizem.

Mas as melhores condições não impedem que os grandes também sofram com renegociações. No balanço do quarto trimestre de 2019, a JBS reconheceu que descontos concedidos a clientes na China prejudicaram o resultado do negócio de carne bovina no Brasil. Conforme o Valor já informou, esses descontos foram de cerca de R\$ 200 milhões.

De acordo com Lygia Pimentel, sócia-diretora da consultoria Agrifatto, a volatilidade do mercado de carne da China reflete o momento conturbado, com os reflexos do coronavírus que atingiu o país nos primeiros três meses do ano ainda pesando. A analista lembra que o primeiro impacto da doença no comércio de carnes foi o abarrotamento dos portos chineses, o que fez com que cargas tivessem de ser redirecionadas para outros portos da Ásia, como Cingapura e Vietnã.

Quando os portos retomaram o ritmo, houve desembarque recorde de carne em março, destacou Lygia. E como a demanda dos restaurantes ainda não voltou ao patamar pré-pandemia, o estoque de carne bovina



na mão dos chineses aumentou, o que ajuda a explicar o jogo duro dos importadores do país asiático nas últimas semanas.

Nesse cenário, a avaliação é que os importadores continuarão pechinchando ao menos ao longo de junho. A partir de julho, quando o consumo do estoque se acelerar e a demanda do fim do ano se impuser, os pedidos a preços mais competitivos tendem a voltar. “Os preços de hoje não fazem sentido”, argumentou um executivo.

A diretora da Agrifatto ponderou que, mesmo com os descontos pedidos, o dólar a R\$ 5 ainda garante uma boa rentabilidade para os frigoríficos. Para um especialista em comércio, os pedidos de desconto dos importadores precisam ser encarados com naturalidade devido à depreciação do real.

Por outro lado, o sistemático descumprimento de contratos abre um precedente perigoso, disseram dois executivos. “Não cumprem. É incrível”, lamentou uma fonte, frisando que, embora os importadores não obedeçam a um comando central – são empresas privadas em atuação -, eles acabam agindo em bloco por causa do efeito manada.

“Os chineses são ciclotímicos”, resumiu um executivo. Nesse cenário, ganha mais (ou perde menos) aqueles que acertarem o momento de vender a carne, fugindo da euforia, quando os preços ficam muito altos e fora da realidade, e também da depressão que marca o comportamento especulativo dos importadores quando os estoques de carne estão fartos -como nas últimas semanas.

No longo prazo, argumentam as fontes, não há o que temer. Apesar das peças pregadas pelos importadores, os chineses tendem a comprar cada vez mais carne. Não à toa, o governo brasileiro enviou na semana passada uma lista com 21 frigoríficos para serem habilitados pela China, que já absorve 37% da carne bovina exportada pelo Brasil. As vendas ao país asiático mais que dobraram no primeiro quadrimestre, ultrapassando 200 mil toneladas.

UE reduzida participación en exportaciones brasileñas de carnes bovinas

11/06/2020 A União Europeia, o segundo maior importador do agronegócio brasileiro, atrás da China, nunca comprou tão pouca carne bovina brasileira no mês de maio. Os 28 países que formam o bloco responderam por 6,2 mil toneladas no mês passado, pelo valor US\$ 32,5 milhões. Foi o menor volume registrado na série histórica para este período, de acordo com dados divulgados ontem (10/5), pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

Na comparação com maio do ano passado, o comércio de 2020 encolheu 23,5%. No ano passado foram embarcadas 8,1 mil toneladas. O desempenho deste ano tem como causa a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), que fez com que o bloco europeu tomasse medidas de restrição de circulação de mercadorias, afetando o comércio com vários países.

Desde o dia 24 de janeiro, quando o primeiro caso da doença foi detectado em Bordeaux, na França, em vários graus, os países também passaram a adotar a restrição de circulação de pessoas, com destaque para Itália, Espanha e Inglaterra. “As pessoas não saíam das suas casas, foram quase 75 dias isoladas”, disse nesta semana Belarmino Iglesias Filho, diretor do Grupo Rubayat, diretamente de seu restaurante de Madrid, na Espanha, ao DBO Entrevista. “Houve uma obediência civil sem precedentes”, afirmou.

Embora a União Europeia não seja o maior importador de carne brasileira, o bloco é um cliente tradicional e que paga bem pelo produto. Com a preferência por cortes de maior valor agregado, em maio, para cada tonelada de carne importada do Brasil a Europa pagou US\$ 5.246, valor 7,1% acima da média da tonelada embarcada para a China e 22,9% acima da média geral para toda a carne embarcada.

No caso do país asiático, ela ficou em US\$ 4.898. A média geral foi de US\$ 4.267. A outros mercados, como os asiáticos, o Brasil embarca generosos volumes do boi inteiro, incluindo cortes de dianteiro e miúdos.

Não por acaso, nos anos 2000, quando o Brasil passou a correr atrás da diversificação de mercados para a sua carne, havia no setor uma ferrenha discussão se a Europa seguiria como um mercado de fôlego – e daí a necessidade de investimentos para aumentar o comércio com o bloco – ou se seria o caso de abandonar o continente como prioridade em sua política comercial.

O fato é que à Europa são destinados cortes de maior valor agregado, como o contra-filé e o filé-mignon, por exemplo, fazendo com que essa escolha nunca se concretizasse. Mesmo assim, o comércio vem encolhendo desde 2008, ano em que foram embarcadas 9,2 mil toneladas em maio. A queda das exportações brasileiras para a Europa, em maio, veio iniciada depois de um período de ouro, entre os anos de 2002 e 2007, com compras entre 20 mil toneladas e 43,5 mil toneladas. Essa queda, no entanto, ainda não estava sob o domínio da crise global que teve como marco inicial a falência do banco americano Lehman Brothers, em 15 de setembro daquele ano.

De janeiro a maio

Com a consolidação dos dados de maio, desde janeiro, o comércio de carne bovina para a União Europeia foi de 33,8 mil toneladas, no valor de US\$ 199,1 milhões. Em 2019, neste período o bloco importou 40,4 mil toneladas, por US\$ 226,8 milhões. O recorde histórico, em volume, para os primeiros



cinco meses do ano ocorreu em 2006, quando o bloco importou 176,4 mil toneladas, por US\$ 556,6 milhões.

Hamburg Süd concretó embarque de carnes refrigerada a EE.UU.

Fonte: Portogente. This post was published on 9 de junho de 2020

Com a reabertura do mercado americano para o consumo de carne in natura brasileira, o trecho marítimo Brasil (Santos) – EUA (Philadelphia) tem ficado movimentado e a Hamburg Süd é uma das empresas responsáveis por grande parte dessas embarcações.

A compra de carne brasileira estava suspensa no país desde 2017 por conta de problemas relacionados à aplicação da vacina contra febre aftosa. A reabertura do mercado foi anunciada no final de fevereiro pela ministra da agricultura, Tereza Cristina, que classificou a parceria como uma conquista do selo de qualidade para a carne bovina brasileira.

A retomada das exportações aconteceu no mês de maio pela JBS e a carga foi transportada sob o alto padrão de qualidade da Hamburg Süd, respeitando o acordo de prazo e integridade do produto.

Com um transit time médio de 18 dias, as embarcações têm sido realizadas por navios de longo curso como o Northern Magnum, um navio porta-contentores construído em 2003, com capacidade de carga de 6750 TEU e seu calado atual de 10,6 metros. Seu comprimento total (LOA) é de 299,99 metros e sua largura é de 40 metros.

Rodolfo Salles, gerente regional de reefer da Hamburg Süd, afirma que esse é apenas o início de uma imensidão de oportunidades que se abrirão para o mercado brasileiro de carne in natura. “Além de ser um mercado com um potencial de consumo gigantesco, mais de 70 mil toneladas por ano, a reabertura do mercado americano para a exportação de carne bovina brasileira abrirá novas oportunidades e nós, da Hamburg Süd, estamos prontos para atender essa demanda com o melhor prazo e o mais alto nível de qualidade na operação”, completa Rodolfo.

Preocupación elevado número de casos de COVID en frigoríficos

In other international trade news, Brazil appears to be facing a mounting beef production challenge under COVID-19.

The number of daily infections in Brazil has been rising sharply over the past month, reaching 33,000 on 30 May. Similar to what was seen in the US, as the number of new cases increases, maintaining a well-functioning food supply chain becomes more difficult.

While some Brazilian processing plants have closed due to COVID-19 outbreaks, Brazil's meat and poultry industry is not yet facing the degree of disruption seen in the US. However, things could change rapidly if the virus continues to spread.

It took the US about seven weeks to get beef production back to near-normal levels and exports are yet to recover.

In contrast to the US, it took until May for COVID-19 to widely spread through Brazil. The Brazilian Minister of Agriculture, Tereza Cristina, stated that Brazilian meat packers had been able to prepare themselves by witnessing developments in the US, allowing them to adapt and tailor their operations in order to give themselves a greater chance of maintaining meat production levels. As processing plants standardise these new procedures, they will be in a better position to weather the storm, she said. However, many challenges still exist.

Brazilian cattle slaughter during the first five months of the year was down by 1.4 million head (or 14pc) relative to 2019. While COVID-19 may have closed some plants in April and May, this production slowdown is really the result of a three-year herd liquidation and reduced availability of slaughter cattle, Meat & Livestock Australia said.

Taking into account the impact of COVID-19, Rabobank has revised its expectations of Brazilian beef production for 2020, now forecasting a 1pc decrease, well back from the 3.5pc increase projected in December.

Despite production difficulties, Brazil maintains strong presence in export markets

While Brazil may yet follow a similar supply pattern as seen in the US, the impact on trade may differ, MLA said.

For instance, the US has had robust domestic demand and a strong US dollar, making domestic retail channels more appealing than export markets. In contrast, Brazilian domestic beef demand is weak, while the soft value of the Brazilian Real and strong demand from China has favoured exports.

Even though production declined during the first four months of this year, Brazilian beef exports were up 4.5pc year-on-year, with shipments to China more than doubling. Initial export figures for May suggest the rate of Brazilian beef exports are yet to slow, with volumes expected to reach 155,000t for the month.

Over the year-to-April, Brazil has exported 28pc of its beef production, the highest portion since 2007. As a result of this, if Brazilian production declines due to COVID-19 disruptions, the domestic market may bear the brunt of any short-term shortage, MLA said.



Cinco frigoríficos fueron aprobados por VIETNAM

05/06/2020 Desde janeiro de 2019, o Brasil abriu mais de 65 mercados para produtos agropecuários, sendo 30 aberturas registradas somente este ano

De janeiro a maio de 2020, o Brasil abriu 30 mercados para produtos agropecuários.

Nesta semana, mais quatro unidades frigoríficas de aves e uma de suínos foram credenciadas e irão exportar as carnes do Brasil ao Vietnã. As novas plantas frigoríficas de aves aptas a exportar para o Vietnã estão localizadas nos estados de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Já a suína, em Minas Gerais.

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as exportações de produtos agrícolas para o Vietnã, em 2019, somaram US\$ 27,5 bilhões. Em 2018, totalizaram US\$ 22,6 bilhões.

Desde janeiro de 2019, Mais de 700 estabelecimentos foram habilitados a exportar produtos agropecuários para 24 países.

“Isso mostra que o mundo olha o Brasil como grande fornecedor de alimentos, supridor de alimentos”, diz a ministra Tereza Cristina.

Mercados abertos para o agro brasileiro

Desde janeiro de 2019, o Brasil abriu 65 mercados para produtos agropecuários, sendo 30 aberturas registradas somente este ano.

No último dia 25 de maio, a Tailândia comunicou que irá importar carne bovina com osso, carne desossada e miúdos comestíveis de bovino do Brasil, mercado com potencial de receita de US\$ 100 milhões nos próximos anos. O país também abriu seu mercado para os lácteos brasileiros.

No início do mês passado, o governo das Filipinas credenciou estabelecimentos de carnes bovinas (Goiás, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Minas Gerais, Tocantins e Pará), de aves (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), de peru (Rio Grande do Sul) e suína (Santa Catarina).

Outros novos mercados são castanha-de-baru para Coreia do Sul, melão para China (primeira fruta brasileira para o país asiático), gergelim para a Índia, castanha-do-Brasil (castanha-do-Pará) para Arábia Saudita, material genético avícola para diversos países e milho de pipoca para Colômbia.

URUGUAY

Con oferta escasa, el mercado del gordo afirma sus valores

11 de junio de 2020

El mercado de la hacienda gorda mostró un moderado ajuste al alza esta semana. Impulsado principalmente por la escases de oferta de ganados de pasto y con incidencia de una expectativa respecto al inicio de faena de las cuadrillas kosher en tres frigoríficos.

Consignatarios consultados coinciden en que la próxima semana podría darse otra suba de valores aunque moderada a fuerza de la escasa oferta ya que los negocios por novillos kosher no son voluminosos y en su mayoría son de ganados de corral.

Los negocios por los mejores novillos se ubican entre US\$ 3,20 y US\$ 3,26 por kilo en cuarta balanza, cuando hace dos semanas los US\$ 3,25 eran más difíciles de conseguir. Las entradas a planta son ágiles, de una semana de promedio.

La vaca sigue siendo la categoría más demandada y se destina principalmente al mercado chino- cotiza entre US\$ 3,10 y US\$ 3,15 dependiendo de la calidad y unos centavos por encima que la semana pasada.

Los ganados con destino al abasto mantienen la firmeza de precios aunque se acentúa la competencia de la carne importada, las vaquillonas especiales cotizan en el eje de los US\$ 3,25.

EEUU supera a china en compras de carne

11 de junio de 2020

En la semana cerrada el 6 de junio Estados Unidos se consolidó como el principal comprador de carne vacuna uruguaya en divisas, superando a China por primera vez en mucho tiempo.

De acuerdo a los datos de Aduanas del 31 de mayo al 6 de junio se enviaron 1.546 toneladas peso embarque a EEUU por un total de casi US\$ 10 millones contra las 2.209 toneladas compradas por China por un total de US\$ 8,8 millones. Canadá fue el tercer destino en importancia con 1.023 toneladas por US\$ 5 millones.

El precio de exportación de la carne vacuna a EEUU aumentó 14% en las últimas cinco semanas pasando de US\$ 5.638 la tonelada peso de embarque a US\$ 6.403 la tonelada con pico de US\$ 7.118 la tonelada en la última semana de mayo.

El precio a China tuvo un comportamiento opuesto. En las últimas cinco semanas bajó 10%, pasando de US\$ 4.394 la tonelada a US\$ 3.972. Alcanzando una diferencia de 60% o US\$ 2.400 con el precio de EEUU.



Uruguay cumplió con el 70% del cupo Hilton frente al 98% de un año atrás

11 de junio de 2020

Desde julio del año pasado hasta el 29 de mayo Uruguay cumplió con el 70,9% del cupo Hilton contra el 97,8% de un año atrás. El freno en la demanda europea a partir de la pandemia de coronavirus provocó que por primera vez en la historia no se utilice la totalidad del cupo.

De acuerdo a los datos del INAC, a un mes de finalizar el año agrícola 2019-20 las colocaciones de carne vacuna en la cuota Hilton sumaron 4.521 toneladas peso embarque, un volumen 27,5% inferior a igual período del ciclo anterior (6.236 toneladas).

El valor promedio de la tonelada de carne Hilton promedió US\$ 10.511 la tonelada, una baja de 1,4% o US\$ 150 menos que en el mismo período del año pasado.

En el caso de Argentina, sobre el cierre de mayo los envíos de Hilton se ubicaron en 25.990 toneladas, sobre un total de 29.500 toneladas asignadas para esta cuota. En la comparación interanual, el cumplimiento para 2020 se encuentra casi un 10% por debajo.

En la cuota 481 el volumen exportado llegó a 11.129 toneladas al 29 de mayo, casi 3% más que en igual período del ciclo previo. El precio de los negocios fue de US\$ 9.865, 5% o US\$ 450 superior al valor registrado un año atrás.

Los negocios para la cuota de 20.000 toneladas con EEUU (año calendario) llegaron a 11.658 toneladas en el acumulado del 2020, un volumen 26% superior a igual período de 2019 aunque con un precio casi 10% superior (US\$ 7.179 la tonelada vs. US\$ 6.555 la tonelada).

Impulsado por EEUU, precio de exportación cruzó los US\$ 4.200

11 de junio de 2020

Impulsado por EEUU, precio de exportación cruzó los US\$ 4.200

La tonelada de carne vacuna exportada volvió a mostrar un repunte, impulsada por un incremento de los envíos a EEUU. En la semana cerrada el 6 de junio se ubicó en US\$ 4.208/ton, de acuerdo a datos preliminares del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Mostró una mejora de 7% frente a la semana anterior (US\$ 3.932).

EEUU se ubicó como el principal destino en la última semana, seguido por China, Canadá y Holanda, de acuerdo a datos de Aduanas.

Si se observan las últimas cuatro semanas móviles el precio de exportación promedió US\$ 3.927, por encima de los US\$ 3.738 logrados en similar periodo el año pasado.

En el acumulado anual el precio promedio de exportación se ubica en US\$ 3.934, un 9,6% arriba de los US\$ 3.588 de hace un año atrás.

En carne ovina, la tonelada exportada logró su mejor promedio de las últimas seis semanas, con US\$ 4.476/ton. Un 14% arriba de los 3.913 de la semana previa.

En las últimas cuatro semanas móviles promedió US\$ 4.001, por debajo de los US\$ 4.645 logrados en similar periodo el año pasado.

El acumulado anual muestra un promedio de US\$ 4.366, un 2% más que los US\$ 4.274 de hace un año atrás.

La diversificación de mercados sigue resultando favorable para la carne uruguaya

10 de junio de 2020

Mientras sigue la tensa espera por la normalización de los mercados, EEUU sigue apareciendo - en esta semana junto a Canadá- como vías de salida alternativa particularmente para los cortes de menor valor. China no se ha reafirmado, las ventas retrocedieron la semana pasada. La Unión Europea mantiene un ritmo aceptable pero que no compensa lo perdido en semanas anteriores. Quedará 25% de Hilton sin cumplir y la actitud de los frigoríficos sigue siendo cauta en un mercado con muy poca oferta.

Empieza un camino gradual de recuperación, pero que parece será paso a paso, como viene pasando con la lana y con los granos, la sensación de que lo peor ya pasó es el lado positivo, Lo endeble de la recuperación es parte de la nueva realidad.

Llegaron 32 rabinos para comenzar con la faena kosher

08/06/2020 - Los equipos llegaron de Israel y Argentina.

Ayer domingo 7 de junio llegaron al país "32 rabinos de y religiosos de Israel y Argentina, lo que permitirá la exportación de carne uruguaya kosher", anunció anoche el ministro de Relaciones Exteriores, Ernesto Talvi, en su cuenta de Twitter.

El arribo de las cuadrillas de faena responde a un trabajo de Cancillería, el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), el Instituto Nacional de Carnes (INAC), y los privados.



Los equipos realizarán una faena especial con animales de corral para el mercado de Estados Unidos y una tradicional con destino a Israel.

Las cuadrillas ya están operando, desde hace varias semanas, en Argentina, en un principio con rabinos locales autorizados por Israel. Además, mañana comenzarán a operar en Paraguay en seis plantas frigoríficas. La llegada a Brasil está retrasada.

Trazabilidad podría ser una opción para diferenciar animales tratados con estradiol

05/06/2020 - El Ministro de Ganadería aseguró que la prohibición del estradiol por parte de Europa será un tema que “vamos a discutir cada vez más de aquí a fin de año”. En Uruguay, el producto se utiliza para la IATF en unos 800 mil animales.

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Carlos María Uriarte, dijo a Rurales El País que “se evalúan muchas alternativas” para tomar una decisión con respecto a la prohibición del estradiol en la actualización de la normativa sanitaria de la Unión Europea.

El estradiol es una hormona que se utiliza mucho en Uruguay para la Inseminación Artificial a Tiempo Fijo (IATF), aproximadamente en unos 800 mil vientres. “Desde hace un tiempo Europa es crítica en el uso de hormonas y Uruguay, por más que no usa para el crecimiento, las emplea para otras actividades”, comentó Uriarte.

Al momento “no se sabe bien qué decisión vamos a tomar”, pero “está claro que será un tema que vamos a discutir cada vez más de aquí a fin de año”, y más considerando que se acerca la fecha límite para informar la posición.

El Ministro explicó que una de las opciones es “utilizar la trazabilidad para que se sepa cuáles animales fueron tratados con el producto alguna vez en su vida y no se envíe ese ganado a faena con destino a Europa”. Y agregó: “Es una discusión que vamos a tener con todos los usuarios”.

Buscan discutir, en base a ciencia, la exigencia de UE

07/06/2020 Comité de expertos analiza pedido de prohibir b-estradiol.

La cadena cárnica busca rebatir con ciencia la nueva barrera comercial que pretende imponer la Unión Europea, que ahora busca se prohíba el uso de benzoato de estradiol (b-estradiol) en vaquillonas y vacas que son sometidas a protocolos de Inseminación Artificial a Tiempo Fijo (IATF). Desde la profesión veterinaria se le tilda de “verdadero disparate” y se apoya a un comité de expertos que está comenzando a trabajar.

Amparándose en trabajos científicos, incluso en algunos realizados por el Comité Veterinario de la Unión Europea, se construyen bases sólidas para que los negociadores agrícolas discutan, en un futuro próximo, con las autoridades europeas su propuesta.

El b-estradiol es una hormona natural que está en la vaca cuando presenta celo, cuando está preñada y cuando va al parto. En los protocolos de IATF se usa entre 1 y 2 miligramos por animal y “dura alrededor de 24 horas en sangre, siendo eliminada totalmente en carne entre 7 y 8 días después”, explicó el Dr. Jorge Slavica, expresidente de la Sociedad de Medicina Veterinaria del Uruguay y actual delegado de los productores en la Junta Directiva del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Por otro lado, se usa en vientres que están dedicados a la cría y que demorarán muchos años en ser enviados a faena. Son alrededor de 300.000 vaquillonas las que se intentan preñar mediante programas de IATF y sobre las que se aplica esta hormona con fines exclusivamente reproductivos.

“Estamos totalmente en contra de que se afecten las vaquillonas que van a faena por un problema (por la presencia de la hormona inyectada) que dura 10 días en la vida del animal”, afirmó Slavica, marcando la postura de los veterinarios que están dedicados a la reproducción animal y también la de los productores.

Presionado por la Unión Europea, el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca no descarta la posibilidad de utilizar la trazabilidad obligatoria del ganado para diferenciar las vaquillonas que van a IATF y quedarían fuera de ese mercado, de las demás. Los productores se niegan a esta posibilidad.

Si el MGAP decide aplicar la trazabilidad para poder diferenciar las vaquillonas y vacas de cría y las que se envían a faena con destino al contingente de carne de alto valor para Unión Europea, cuyos ganados son terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena (cuota 481), “se divide el mercado creando una nueva categoría. Eso es un disparate”, remarcó Slavica.

En las últimas horas, el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Carlos María Uriarte, dijo a Rurales El País que “se evalúan muchas alternativas” para tomar una decisión con respecto a la prohibición del estradiol en la actualización de la normativa sanitaria de la Unión Europea. “Desde hace un tiempo Europa es crítica en el uso de hormonas y Uruguay, por más que no usa para el crecimiento, las emplea para otras actividades”, comentó Uriarte.

Al momento “no se sabe bien qué decisión vamos a tomar”, aclaró el ministro. Remarcó que “está claro que será un tema que vamos a discutir cada vez más de aquí a fin de año” y más considerando que se acerca la fecha límite para informar la posición”.



Discusión. El tema estuvo sobre la mesa en la Junta Directiva del Instituto Nacional de Carnes esta semana, donde se acordó que Uruguay junte evidencia científica que la hay y esos argumentos sean elevados a los negociadores en Bruselas para que defiendan mejor la postura de Uruguay.

Slavica dijo a El País que las barreras arancelarias, en el futuro, van a ir cayendo, pero estimó que “los países intensificarán las para arancelarias para limitar el comercio cuando no precisan el producto o enfrentan una demanda disminuida”.

Consideró que la prohibición del uso del benzoato de estradiol “es una de las exigencias que no tiene ningún sentido, ni argumentación científica”, remarcó el veterinario, que lleva más de 25 años trabajando en programas de IATF.

El b-estradiol se comenzó a utilizar en la década del 90, cuando los protocolos de IATF comenzaron a aplicarse con implantes de progesterona, lo que mejoró la preñez en alrededor de 10% frente a la otra opción del mercado, la hormona GnRH.

Visión. “Hay otro componente económico”, admite Slavica. Dependiendo la hormona que se use, sin contar mano de obra y dosis de semen, el protocolo de IATF está entre US\$ 6 y US\$ 9 por vaca. En el caso del b-estradiol, la dosis vale entre 19 y 20 centavos de dólar por animal y la dosis de GnRH, que se usa en la segunda inyección previo a inseminar el animal, vale en el entorno de 80 centavos de dólar.

“Si hubiera que sustituir benzoato por GnRH, el primer efecto sería reducir la preñez en alrededor de 10% y el otro es un efecto económico que serían unos 6 centavos de dólar, en un paquete de US\$ 6 a US\$ 8 por animal. Desde mi punto de vista, esa pérdida económica, no es muy significativa, pero la pérdida de preñeces sí”, sostuvo Slavica

Pero según su visión, “como país vendedor de carne, si bien tenemos que aceptar las condiciones que nos imponen los compradores, también tenemos la obligación y en este caso me refiero al Estado, de pelear las barreras para arancelarias que no tienen sustento científico”, remarcó el delegado de los productores en INAC.

Por eso consideró que lo que debería hacer Uruguay “es demostrar a la Unión Europea que lo que está tratando de imponer no tiene ningún sustento científico”.

Controles. A su vez, considera que antes que el MGAP debería realizar algunos ajustes internos antes de pensar en prohibir el uso de la hormona en cuestión.

En ese sentido, recordó que “los protocolos de IATF tienen que hacerse bajo la supervisión de un veterinario. El MGAP debería apretar eso y controlarlo, eliminando de alguna manera que vaya el productor a la veterinaria o directo a los laboratorios y le vendan un protocolo de IATF que aplicará sin intervención de un veterinario. Hay mecanismos internos a aplicar que pueden garantizar eso”.

Slavica remarcó que las barreras para arancelarias que buscan aplicar algunos mercados “las termina pagando el productor. Vamos a pelear las cosas que se pueden pelear y las otras que se vienen con más fuerza, como el bienestar animal, por presión de las ONGs de Europa, hay que trabajar más. En Uruguay no se hizo nada sobre eso. Tenemos que estar atentos, porque las barreras para arancelarias son las trabas del comercio del futuro y los países usan eso cuando la oferta supera la demanda”.

Y fue más a fondo todavía. “Más que el uso del estradiol, es mucho más importante el mal uso de los antibióticos, porque eso sí tiene un impacto importante a nivel de salud del consumidor. La resistencia antimicrobiana es mucho más importante”, aseguró.

Base Científica. A su vez, el Dr. Guillermo De Nava, especialista en reproducción animal y en el segmento de la cría, realizó un trabajo técnico, usando base científica, recopilando pruebas de que lo que la Unión Europea intenta imponer ahora es otra barrera comercial.

Concluye que: Las dosis utilizadas de sales de estradiol en programas de IATF se metabolizan rápidamente en el animal, lo que, por otra parte, es un requisito para lograr que se cumplan satisfactoriamente las etapas que van desde la ovulación, la fertilización, hasta el desarrollo embrionario que se buscan con esta tecnología reproductiva.

Si bien la administración de estas sales a las dosis usadas en los protocolos de IATF promoverían picos de estradiol - 17 β algo más altos que los que tienen lugar en el celo natural, sus concentraciones plasmáticas vuelven a valores normales entre 40 y 170 horas después de su administración, dependiendo de la sal considerada. Por su parte, esos picos en estradiol - 17 β son sustancialmente menores a las concentraciones que se suelen encontrar en hembras bovinas preñadas, que pueden llegar a ser 10 veces más elevados, concluyó el especialista en base a trabajos científicos.

Resultado de estudio europeo contradice pedido.

La presión de la Comisión Europea se contradice con lo que hoy tiene aprobado. En el European Medicines Agency Veterinary Medicines and Inspections EMEA/CVMP/885/99, considera que después del tratamiento terapéutico y zootécnico con esteres de 17b-estradiol, los niveles de leche y plasma están dentro de los límites fisiológicos.

Considera que “aunque los niveles de tejidos pueden ser más altos que los límites fisiológicos inmediatamente después del tratamiento, se concluyó que en comparación con las tasas de producción diaria de 17B-estradiol en niños prepúberes y en comparación con la cantidad del estrógeno en otros



alimentos que forman parte de la dieta humana, el 17B-estradiol al que los humanos estarán expuestos a través de la ingestión de tejido de animales tratados, es biológicamente insignificante y será incapaz de ejercer un efecto hormonal en los seres humanos". El estudio publicado por la Comisión Europea establece que, por lo tanto, "se concluyó que para el uso terapéutico y zootécnico del 17B-estradiol, no es necesario establecer un nivel de ingestión diaria admisible, ni límite máximo de residuos", concluye el estudio. Uruguay tiene bases sólidas para agarrarse y discutir.

El b-estradiol está prohibido en la Unión Europea, en Nueva Zelanda y varios otros países. A su vez, en Uruguay, está prohibido el uso de hormonas con fines de engorde, tanto en bovinos como en ovinos, cerdos y también en aves.

Cayó consumo local de carnes durante 2019 Uruguayos comieron 5 kilos menos de cortes bovinos

05/06/2020

El año pasado los uruguayos consumieron 87 kilos de carnes en total, cifra que marca una reducción de 4,8 kilos respecto al año anterior. Se trata de la mayor caída observada hasta el momento, según los datos presentados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

El descenso se debe a una baja en el consumo de carne bovina, en tanto en las demás carnes no se observaron modificaciones sustanciales.

La carne bovina alcanzó los 47,9 kilos por habitante, disminuyendo casi 5 kilos por persona respecto al año anterior. Según el INAC, las carnes aviar y porcina, al igual que en el año 2018, mostraron consumo muy similar.

En comparación con el año 2015 el consumo total de carne disminuyó aproximadamente 6 kilos, siendo la carne porcina la única que incrementó su consumo (2 kilos por habitante). El consumo total de proteínas proviene mayoritariamente de la faena nacional. No obstante, el análisis de INAC por especie permite apreciar que en la carne porcina el principal origen es el importado, ocupando en el año 2019 el 79,3%.

Se destacó que esta participación fue aumentando año tras año, mostrando un crecimiento de 9,5 puntos entre extremos del período.

También en la carne bovina se aprecia un incremento en la participación del origen importado, particularmente en los dos últimos años, pasando de un 1,4% en el año 2015 a un 22% en el 2019.

Considerando el total de carne, proveniente de todas las especies y de ambos orígenes (nacional e importado), se observa que en el año 2019 aproximadamente el 80% tuvo como destino el abasto, porcentaje que se mantuvo estable en todo el período.

Las variaciones acumuladas a diciembre 2019 de precios al público, en términos nominales, mostraron una tendencia alcista para todas las carnes, explicó INAC

Está vigente una rebaja de \$ 15 por kilo para el asado

12/06/2020 - Buscan reactivar el consumo de carne bovina en el abasto.

Bajó el asado. Está vigente una rebaja de \$ 15 por kilo en el precio del asado en el mercado interno, en todas sus variedades. La medida apunta a reactivar el consumo de carne en el abasto y especialmente del asado.

Según explicó a El País el presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC), Alfonso Fontenla, algunos frigoríficos con mayor porción en el abasto bajaron el precio de este corte y posteriormente comenzaron a sumarse las demás empresas. "Hoy prácticamente todas las plantas se plegaron a la baja del asado", confirmó Fontenla, aclarando a la vez que no abarca ningún otro corte.

Hay mucha carne en manos de la industria frigorífica y un enlentecimiento en las importaciones de carne bovina desde China y otros destinos.

Por otro lado, el mercado interno es un demandante importante y suma al momento de hacer caja, ante las dificultades en el exterior.

La baja en el consumo de carne bovina preocupa a las autoridades del Instituto Nacional de Carnes, a los frigoríficos y a los carniceros. En 2019 el consumo cayó 5 kilos por habitante en lo que son cortes bovinos. Esta semana, en el marco de la reunión de la Mesa del Abasto con INAC, se presentaron los números. "La caída en el consumo es muy preocupante", afirmó Fontenla. Según los datos preliminares de la Unión de Vendedores de Carne, correspondientes a los primeros meses del año en curso, "sigue la baja en el consumo". Es por eso que los carniceros plantearon la necesidad de emprender algunas acciones para subir el consumo.

"Las ideas se manejarán en las próximas reuniones y se analizará la posibilidad de realizar algún tipo de promoción en el mercado interno para la carne bovina", adelantó Fontenla, sin dar mayores detalles.

A su vez, el INAC sigue avanzando en la instrumentación de una aplicación para celulares, con fuertes promociones de cortes en el mercado interno, como medida de acercarle la carne bovina al consumidor y ofrecerle mayores comodidades al momento de comprar los cortes que prefiere.



“Habrà que tomar otras medidas para revertir la tendencia de caída en el consumo”, afirmó el presidente de la UVC. “Veremos en las próximas reuniones si se presentan ideas más precisas y concretas para el mercado interno”, detalló Fontenla.

La Mesa del Abasto representa un ámbito de discusión donde están representadas todas las partes y todas miran por un objetivo común: reactivar el consumo.

“Los corrales nos enfrentamos a un nuevo desafío: cómo funcionar con una Cuota 481 reducida”

08/06/2020 - 4:02 PM

Mirando alternativas en China, dijo: “Hay que ver cómo abastecer al mercado con ese tipo de carne a otros precios o con una ventaja arancelaria como tiene Australia”.

El director ejecutivo de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (AUPCIN), Álvaro Ferrés, aseguró que “la Cuota 481 será un negocio cada vez menor para Uruguay, ya que la ventana de cargas se va achicando y porque hay otros actores que empiezan a jugar con mayor proporción”.

Por tanto, consideró que los corrales de engorde “nos enfrentamos a un nuevo desafío: cómo funcionar en un futuro sin el contingente o con una capacidad reducida”. Ferrés dijo que “nos vamos a tener que adaptar a una palabra muy usada: la nueva normalidad del negocio”.

Proyectando, Álvaro Ferrés afirmó que “vamos a empezar a jugar con otros mercados, con otros tipos de dietas y otros tipos de animales para que los corrales de engorde sigan” y “tener un índice de extracción alto, que es lo que hace la diferencia en los países más o menos intensivos en la producción animal”.

En cuanto a otras alternativas para este producto, indicó que “China puede ser un mercado”, dado que “anteriormente se hicieron muchos negocios” de ganado de feedlot con el país asiático, pero a distintos valores. “Hay que ver cómo abastecer al mercado con ese tipo de carne a otros precios o con una ventaja arancelaria como tiene Australia”, sumó.

El ganadero entendió relevante que se pueda disminuir el tiempo mínimo de estadía de los animales en un establecimiento previo a la faena, actualmente de 90 días, requisito establecido por China en el protocolo sanitario firmado con Uruguay. “Eso es un gran retroceso que Uruguay habrá tenido que negociar en su momento, pero se deberá rever de aquí para adelante si quieren que los corrales de engordes tengan una oportunidad en mercados alternativas, dado que nos condicionó en muchas operaciones”.

Finalmente, Ferrés señaló que para la última ventana de la Cuota 481 quedó ganado sin faenar, especialmente de productores o empresas que toman decisiones de jugar en el mercado spot y se encontraron con una situación de no demanda por las razones que todos conocemos, y eso va a afectar el resultado económico”. Sin embargo, explicó que esos animales pueden ser utilizados para otros destinos.

Turquía empezó a emitir nuevos permisos y prevé importar 200 mil cabezas de Uruguay y Brasil

11/06/2020 - 12:53 PM

El Gerente General de Gladenur dijo que la diferencia de precio del ternero entre Uruguay y Brasil “hace que la competencia sea muy dura”.

A partir de hoy, Turquía comenzó con la emisión de permisos del año 2020 para la importación de ganado en pie, y prevé comprar 200 mil cabezas de Sudamérica (Brasil y Uruguay) y 100 mil de Europa, informó a Rurales El País Mohammed Montasser, gerente general de Gladenur.

Contó que las importaciones estarán a cargo del sector privado, similar a lo que estaba sucediendo con los últimos envíos que se concretaron poco tiempo atrás. “No hay ningún cambio con el sistema de compra y tampoco prevemos la competencia de importadores afecte mucho el precio”, agregó.

Gladenur, la empresa que exporta más ganado desde Uruguay, prevé que próximamente se mande un barco al país euroasiático con 19 mil terneros, en su mayoría animales ya comprados y cumpliendo cuarentena, dentro de los nuevos permisos. Además dijo que están trabajando en completar un segundo barco, para el cual “se está trabajando con clientes que venden durante todo el año”.

El Ejecutivo indicó que el precio de compra de un ternero de 200 a 220 kilos se ubica en US\$ 2 por kilo en pie. Con respecto a la competitividad de Brasil, señaló: “Hay una diferencia muy grande y hace que la competencia sea muy dura”. Actualmente la referencia del ternero es de US\$ 1 por kilo en pie a favor de Brasil.

A lo que explicó: “Los compradores siempre valorizaron el ternero uruguayo, pero con una diferencia de US\$ 300 a US\$ 400 por tonelada, es decir US\$ 0,5 por kilo en pie, hoy la distancia de precios es mayor”.



PARAGUAY

Paraguay propone trazabilidad del estradiol para cumplir con exigencia de UE

10/06/2020 - Sector privado asegura que el sistema es “muy práctico” e “involucra a ganaderos, médicos veterinarios y proveedores del producto”.

El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal de Paraguay (Senacsa) realiza una serie de reuniones con privados para presentar el sistema de trazabilidad del estradiol y cumplir con la actualización de la normativa sanitaria de la Unión Europea, que prohíbe la utilización del producto en animales que se faenan para ese destino.

En Paraguay, desde el 31 de marzo de 2020 y por medio de un decreto, se suspendió temporalmente la faena de vacas y vaquillonas para la Unión Europea de todos los frigoríficos habilitados, al igual que la exportación de carne bovina de estas categorías. La medida pretendía un plazo de análisis y alcanzar un sistema práctico para usar en el país y de auditar en Europa.

El expresidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) y del Senacsa, Carlos Trapani, señaló a Rurales El País que el sistema presentado por las autoridades es “muy práctico” para todos: “Funcionaria buscando la trazabilidad del producto” e “implicaría a ganaderos, profesionales veterinarios y a los proveedores del estradiol”.

Explicó que aquellos productores que pretenden utilizar la hormona para la inseminación necesitarán una receta de los médicos veterinarios para comprar el producto y hacer la aplicación. “En los establecimientos donde no son seleccionadores de ganado para Europa se hará una trazabilidad por frasco, y los que seleccionen tendrán un control más fino, por centímetros de dosis del producto”, detalló.

Para lograr la solicitud del veterinario, Trapani dijo que los productores deberán abrir una ventana dentro del sistema SIGOR, tal cual se realiza para las enfermedades que están dentro de los programas, es el caso de la aftosa y la brucelosis.

El dirigente gremial y expresidente del Senacsa comentó que los invernadores que trazan animales en su establecimiento no podrán comprar vaquillonas o vacas, sino que deberán invertir en categorías jóvenes para que esos animales puedan ser seleccionados y exportados a la Unión Europea.

Por otro lado, comentó que para los proveedores del estradiol se habilitará un sistema de etiquetado: “Tienen que decir bien claro que ese producto no puede ser aplicado a animales elegibles para la Unión Europea, la indicación tiene que estar en la caja y en el frasco”, afirmó.

El estradiol es una hormona que se utiliza en el país en la Inseminación Artificial Tiempo Fijo (IATF), una herramienta que se aplica, aproximadamente, un millón de veces al año. En cuanto a la faena, durante el 2019 los frigoríficos habilitados procesaron 350.000 seleccionados para Europa, y un 20% del total fueron hembras (8% vacas y 12% vaquillonas).

En Uruguay, donde está presente la discusión, preocupa a públicos y privados, y se evalúan alternativas; se aplica el producto en unas 300 mil vaquillonas aproximadamente. Desde el gobierno evalúan utilizar la trazabilidad, pero los productores pretenden que se haga uso de la ciencia para discutir la posición de Europa.

Mayo fue un buen mes para las exportaciones cárnicas

04/06/2020 El país superó los 520 millones de dólares en ventas cárnicas

El incremento de la actividad en los mataderos paraguayos ha significado la obtención de un récord en el valor de las exportaciones cárnicas del país durante el pasado mes de mayo hasta alcanzar los 520 millones de dólares, una subida del 7% en valor y del 6% en la cantidad exportada.

De acuerdo con el presidente del Senacsa, José Carlos Martín, “veníamos pronosticando que la faena en mayo se iba a normalizar e inclusive llegar a un récord. Tenemos un aumento importante en números de cabezas faenadas en los frigoríficos habilitados para la exportación”.

La cifra de sacrificios ha sido la más alta registrada desde agosto de 2018, señaló en una entrevista en Paraguay TV.

Respecto a las exportaciones, Martín destacó que “la recuperación económica se va a ver ampliamente apalancada en todas nuestras exportaciones de origen agropecuario tanto de la carne y la agricultura que no deja de tener un precio muy importante”, manifestó el presidente del Servicio Nacional de Salud y Calidad Animal (Senacsa).

En el mes de mayo pasado, Paraguay exportó carnes a 42 países diferentes y el país ha iniciado las ventas en destinos como Arabia Saudita.

Se mostró positivo respecto a los próximos meses sobre todo para el mercado europeo ya que según señaló, la vuelta de la actividad al canal de restauración y hostelería supondrá un incremento de las ventas paraguayas al continente europeo.

En julio inicia el segundo periodo de vacunación contra la aftosa

05/06/2020 - También se vacunarán animales jóvenes contra la brucelosis.



El segundo periodo de la vacunación contra la fiebre aftosa en Paraguay se definió del 6 de julio al 14 de agosto del 2020. En dicha instancia se inmunizarán bovinos y bubalinos (a excepción de vacas y bueyes), además se vacunarán desmamantes hembras carimbo 0 contra la brucelosis.

La resolución fue adoptada por el Poder Ejecutivo a través del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), tras haber sido suspendido en razón de las medidas sanitarias y de emergencia nacional implementadas por el Gobierno ante la pandemia de coronavirus.

La fecha máxima para el registro de las vacunaciones quedó fijada para el 28 de agosto del 2020.

En marzo se difundieron los datos del primer periodo de vacunación contra aftosa que marcaron un crecimiento del 1,2% del rodeo bovino. Un total de 141.844 propietarios inmunizaron 13.972.516 bovinos, 170.523 cabezas más en comparación con el periodo del año pasado.

UNIÓN EUROPEA

Proyecciones de carne de vacuno de la UE bajaron en marzo

08/06/2020 La producción de carne en la UE bajó un 0,4% en marzo en comparación con el año anterior. Esto lleva la producción del primer trimestre a 1,7 millones de toneladas, un 0,3% más que en el primer trimestre de 2019. La producción en varios de los principales países productores aumentó en marzo en comparación con el año anterior, Francia en un 1,3%, Irlanda un 6,3% y España un 3,6%. Esto fue contrarrestado por reducciones en la producción en Italia (-14,4%) y Polonia (-2,6%). La producción en Alemania, el segundo mayor productor de carne de la UE, se mantuvo estable en marzo en comparación con 2019, señala ABDB, que estima que aún debe tenerse en cuenta que faltan las restricciones por los problemas por la COVID-19.

Los volúmenes de exportación de la UE disminuyeron en marzo, y las exportaciones cayeron un 9% en volumen a 34.700 toneladas. Las exportaciones cayeron menos en términos de valor (-6%) respaldadas por un aumento en el precio unitario promedio. Esto llevó el volumen de exportaciones de la UE para todo el primer trimestre a 107.900 toneladas, una caída del 1%. El valor de estas importaciones aumentó un 1% a € 479,9 millones.

Los volúmenes de importación para la UE disminuyeron un 32% en marzo a 12.900 toneladas. Las importaciones se redujeron de los tres principales proveedores de la UE, Brasil (-16%), Argentina (-1%) y el Reino Unido (-67%). Las importaciones de los Estados Unidos aumentaron un 648% a 1.600 toneladas. El valor también cayó en marzo, pero en una cantidad menor, 13%, debido a un aumento en los precios promedio. Para el primer trimestre, las importaciones cayeron un 22% en volumen a 57.500 toneladas. Gran parte de esta reducción provino de una reducción del 39% (11.800 toneladas) del Reino Unido. En términos de valor, el costo de las importaciones disminuyó solo un 8% debido al aumento en los precios unitarios promedio.

BREXIT

Boris Johnson aceptaría aranceles comunitarios en algunos productos

08 June 2020

In an effort to break the Brexit deadlock between the UK and EU and negotiate a trade deal, British Prime Minister Boris Johnson is willing to accept European Union tariffs on some UK goods.

According to reporting in the Daily Mail and Reuters, multiple sources say that Britain's chief Brexit negotiator, David Frost, has made a new offer.

The offer stipulates that the UK would accept tariffs on a small number of goods in return for the EU dropping its demand that Britain would continue to follow EU rules.

On 5 June, EU and UK negotiators said that they made very little progress in their latest round of talks about a free trade agreement, with just weeks left to extend the year-end deadline to reach a deal.

The Daily Mail reports that an earlier threat to walk away from trade talks if no progress was made has been relaxed due to the impact of the coronavirus crisis.

"We are not up for a long negotiation over the next months well into the autumn where nobody knows what is going to happen. October is too late for us to conclude this", a UK source was quoted by the paper as saying.

The idea of imposing tariffs was not immediately welcomed by Brussels, according to the Daily Mail.

Britain officially left the EU in January. As it stands now, the relationship between the two economic and political blocs is governed by a transition agreement that maintains the previous rules and regulations while the parties negotiate new terms.

Flexibilizarían exigencias en controles aduaneros

12 June 2020



The United Kingdom has abandoned its plans to instate full border checks with the European Union on 1 January.

According to reporting in the Financial Times and Reuters, business leaders in the UK are lobbying government ministers about the checks. Many businesses fear that increased border checks will add to the chaos already caused by the coronavirus pandemic.

Instead of the checks, Britain will introduce a temporary “light-touch regime” at ports like Dover for incoming EU goods. The Financial Times reports that this will happen whether or not there is a Brexit free trade agreement with the European Union.

UK officials have said that goods flowing to the EU from the UK could potentially face full checks as they enter France.

The UK officially left the EU on 31 January 2020, but negotiators report that very little progress has been made regarding a trade deal with the EU.

The Financial Times cited unnamed officials as saying an announcement on border checks could be made as soon as 12 June, ahead of the UK’s plan to ramp up preparations for a no-deal Brexit in July.

The approach will be similar to no-deal arrangements drawn in September last year, which prioritised flow of goods over border formalities.

The newspaper reports that agricultural goods will not enter Border Inspection Posts (BIPs) in or near the port and animal products may not immediately be required to have health certificates.

The plans stipulate that only controlled goods will face immediate checks, while industrial goods are expected to benefit from transitional measures that delay the implementation of customs declarations.

This development signals a full reversal from February, when the UK said it planned to introduce import controls on EU goods at the border after the post-Brexit transition period ends on 31 December.

La desglobalización amenaza el acuerdo con MERCOSUR

03 de junio de 2020

La decisión del parlamento de los Países Bajos votando en contra de la ratificación del acuerdo Mercosur Unión Europea es un golpe muy duro para la globalización toda, y para la carne uruguaya en particular.

Para la globalización porque traba potencialmente el mayor acuerdo comercial de la historia de la Unión Europea. La Unión Europea queda en una posición muy incómoda. Si desconoce el coto del parlamento le da la razón a las fuerzas anti unionistas que consideran autoritaria a Bruselas. Si todo se traba, es un gran fracaso para la Unión.

Más allá de los históricos reflejos proteccionistas de Europa, también es cierto que el comportamiento de Brasil es tan impresentable que no para de dar argumentos a los parlamentarios europeos para cuestionar porqué los cuidadosos ganaderos holandeses tienen que hacer libre comercio con los que incendian la Amazonia.

En el medio quedamos nosotros, con nuestro monte natural en expansión, pagando los platos que rompen los vecinos. Un acuerdo que llevó 20 años negociar, pende de un hilo. O tal vez es la oportunidad de que Uruguay se libere del corset del Mercosur.

ESTADOS UNIDOS

COVID-19 Impacto en cadena de ganados y carnes

USDA: frigoríficos ya estarían operando al 95% de su capacidad

USDA June 10, 2020 01:01 PM

Ag Secretary Sonny Perdue said in a statement issued June 9 that meatpacking plants across America are “operating at more than 95% of their average capacity.”

Perdue said he applauds the “safe reopening of critical infrastructure meatpacking facilities across the United States.”

He said as of Tuesday morning, “beef facilities are operating at 98%, pork facilities are operating at 95%, and poultry facilities are operating at 98% of their capacity compared to the same time last year.”

Purdue’s statement said America’s meatpacking facilities are safely resuming operations following President Trump’s Executive Order directing the facilities to implement the Centers for Disease Control and Prevention (CDC) and the Department of Labor’s Occupational Safety and Health Administration (OSHA) guidelines specifically created for the meat and poultry sector response to the COVID-19 pandemic. The U.S. Department of Agriculture (USDA) in conjunction with the CDC, OSHA, and state and local health officials have been working around the clock to ensure a safe and stable supply of protein is available for American consumers all while keeping employees safe.

“President Trump took decisive action to ensure America’s meatpacking facilities reopen in a safe way to ensure America’s producers and ranchers will be able to bring their product to market,” said Secretary Perdue. “I want to thank the patriotic and heroic meatpacking facility workers, the companies, and the local



authorities for quickly getting their operations back up and running, and for providing a great meat selection once again to the millions of Americans who depend on them for food."

USDA realizó el pago de los primeros subsidios por COVID a productores rurales

08 June 2020

The USDA and Farm Service Agency have issued the first round of Coronavirus Food Assistance Programme payments to farmers, approving more than \$545 million to producers who have applied for the programme.

FSA began taking applications May 26, and the agency has received over 86,000 applications for this important relief program.

USDA Secretary Purdue said:

"The coronavirus has hurt America's farmers, ranchers, and producers, and these payments directed by President Trump will help this critical industry weather the current pandemic so they can continue to plant and harvest a safe, nutritious, and affordable crop for the American people.

"We have tools and resources available to help producers understand the program and enable them to work with Farm Service Agency staff to complete applications as smoothly and efficiently as possible and get payments into the pockets of our patriotic farmers."

In the first six days of the application period, FSA has already made payments to more than 35,000 producers. Out of the gate, the top five states for CFAP payments are Illinois, Kansas, Wisconsin, Nebraska, and South Dakota. USDA has released data on application progress and programme payments and will release further updates each Monday at 2:00pm ET. The report can be viewed [here](#).

FSA will accept applications through 28 August 2020. Through CFAP, USDA is making available \$16 billion in financial assistance to producers of agricultural commodities who have suffered a five-percent-or-greater price decline due to COVID-19 and face additional significant marketing costs as a result of lower demand, surplus production, and disruptions to shipping patterns and the orderly marketing of commodities.

In order to do this, producers will receive 80 percent of their maximum total payment upon approval of the application. The remaining portion of the payment, not to exceed the payment limit, will be paid at a later date nationwide, as funds remain available.

Analizan Mercado de carnes entre el productor y el consumidor

USA TODAY

The claim: There's no shortage of beef, but consumers pay more while cattle farmers lose money

Are consumers paying more for beef while farmers lose money?

That claim appears in a post May 22 by Facebook user Rick Davis. Meat processing companies such as Tyson Foods, JBS, National Beef and Cargill are "stealing" from cattle farmers by paying less for beef while charging more to the consumer, he said.

Davis claimed that the sale price of "fat," or feeder, cattle dropped from \$1.55 a pound to 91 cents a pound during an unspecified time frame. Yet corporations blame the rising cost of meat at grocery stores on shortages caused by the coronavirus outbreak, Davis wrote.

"THERE IS NO BEEF SHORTAGE!! Someone is profiting huge off the backs of Farmers and sticking it to the consumer on the other end!!!? THIS IS A TRAVESTY AND NEEDS TO STOP!!" Davis wrote.

USA TODAY could not reach Davis for comment.

Cattle await their fate in a feed lot next to the JBS beef plant in Cactus, Texas.

Is there a beef shortage?

The beef industry has taken a hit in recent months because of business closures, stay-at-home orders in many states and quarantines during the coronavirus outbreak.

USA TODAY reported that the number of coronavirus cases tied to meatpacking plants passed 10,000 in early May, preceding shutdowns of at least 40 meat slaughtering and processing plants for several weeks. Beef and pork processing was reduced by 40% from last year, according to The Associated Press. The number of meat items available for purchase was limited as a result, the Milwaukee Journal Sentinel reported.

Are consumers really paying more for cheaper beef?

Cattle prices have fallen, but not to 91 cents a pound, as Davis claimed. The 52-week low for feeder cattle prices was \$1.04 a pound, according to Business Insider. The daily low on May 22, the date of the Facebook post, was \$1.29 a pound.

In the past six months, feeder cattle prices dropped from \$1.48 a pound in January to a low of \$1.08 a pound in early April, Business Insider reported.

Consumer market prices for uncooked ground beef rose by 20 cents a pound, all uncooked beef roasts rose by 36 cents a pound and all uncooked beef steaks rose by 27 cents a pound from March to April, according to the U.S. Bureau of Labor Statistics.



Investigating the difference

Secretary of Agriculture Sonny Perdue acknowledged the discrepancy in farm-to-market beef prices in a tweet April 8 and committed to an investigation.

"(USDA's) Packers and Stockyards Division will be extending our oversight to determine the causes of divergence between box and live beef prices, beginning with the Holcomb Fire in KS last summer and now with COVID-19," Perdue tweeted.

"Holcomb Fire" refers to a fire that ravaged a Tyson meatpacking plant in Holcomb, Kansas. The plant produced about 5% of the nation's beef, according to KCUR News.

Dirk Fillpot, a communication coordinator for the USDA, said the agency is still monitoring the situation months after Perdue's statement.

"USDA is actively monitoring all food and agriculture commodity markets and the food supply chain during the COVID-19 outbreak. USDA's Agricultural Marketing Service continues to monitor market conditions and conduct economic analysis on the poultry and livestock industry," Fillpot wrote in an email.

Consumer market prices for uncooked ground beef rose by 20 cents a pound from March to April.

Twenty senators and 11 state attorneys general requested federal investigations into market manipulation by the meat industry, Politico reported.

Kansas Attorney General Derek Schmidt is one of the 11 attorneys general who signed a letter to U.S. Attorney General Bill Barr asking the Department of Justice for an investigation. Other signers included Attorneys General Keith Ellison of Minnesota and Tim Fox of Montana.

"The underlying frustration of many cattle producers and feeders boils down to this: Why are they being paid significantly less for live cattle when consumers are paying more for beef on the grocer's shelf? It is a reasonable question that deserves a review and fully informed answer," Schmidt said, according to a news release May 28.

Brianna Herlihy, a public affairs officer for the DOJ, told USA TODAY via email, "Consistent with department policy, we cannot confirm or deny the existence of an investigation."

Our rating: Partly false

We rate this claim PARTLY FALSE, based on our research. It is true that there is a difference in the prices consumers pay for meat at grocery stores and the prices for cattle being paid to farmers. The federal government is investigating potential market manipulation by meat processing companies. It is false to declare there is no meat shortage. Processing plant shutdowns during the coronavirus outbreak have significantly cut the amount of beef and pork processed this year.

Mayor nivel de actividad pero continúan las restricciones

JOSH FUNK and STEPHEN GROVES Associated Press 11 June 2020, 16:00

Meat production has rebounded from its low point during the coronavirus pandemic when dozens of plants were closed, but experts say consumer prices are likely to remain high

OMAHA, Neb. -- Meat production has rebounded from its low point during the coronavirus pandemic when dozens of plants were closed, but experts say consumer prices are likely to remain high and it will take months to work through a backlog of millions of pigs and cattle, creating headaches for producers.

Earlier this week, beef, pork and poultry plants were operating at more than 95% of last year's levels, which was up from about 60% in April at the height of plant closures and slowdowns, according to the U.S. Agriculture Department. That increased production came as companies took steps to protect workers, such as adding plastic partitions between work stations and staggering shifts, that are essential but could slow down the work. The safety measures and bonuses to incentivize workers have increased costs.

And while worker advocates stress that companies must be vigilant to avoid more coronavirus infections, those steps will likely mean higher prices at grocery stores. Even if plants became more efficient, there is a lag of several weeks between when wholesale prices drop and when consumers start to see the change.

Grocery stores, which absorbed some of the meat price increases this spring, also may not pass along all the price cuts as they try to restore their profit margins.

"Don't expect prices to fall in half just because wholesale prices have declined dramatically," said Lee Schulz, a livestock economist at Iowa State University.

Besides adopting measures to keep workers healthy, Kansas State University agricultural economist Glynn Tonsor said meat processors have also boosted production by operating plants more on Saturdays, rather than just weekdays, and by saving time by producing larger cuts of meat. That means grocery stores or consumers may have to cut a pork loin down into pork chops instead of that work being done at meat plants, for example.

But to work through the beef and pork backlogs quickly, meat processors may have to find ways to boost production higher than last year's levels, said Will Sawyer, a protein economist at Cobank, an agribusiness bank. Before the pandemic, meatpacking plants had been expected to produce more than they did last year.



Even as production levels climb, it will likely take all summer and maybe into the fall to work through the backlog of more than 1 million cattle and more than 2 million pigs that was created this spring when dozens of plants were closed. That will continue to create problems for farmers and ranchers who are struggling to find space for all those animals and face low prices because of the supply glut.

Mike Drinnin, who owns feedlots in Nebraska, said everyone involved in raising and feeding cattle felt the squeeze when so many beef and pork processing plants were idled, because fewer cattle were being bought by processors. More cattle are remaining in pastures and feedlots longer than normal while ranchers try to slow their growth rate to give themselves more flexibility.

"It's been a long, long, hard haul here since March and all this kind of started," said Drinnin, who serves on the board of the Nebraska Cattlemen trade group. "It's just been quite the struggle for everybody."

Pig farmers have been hit especially hard by the backlog because of the tight capacity on their farms. It has led some to euthanize pigs to create space in their barns.

"As farmers we're always trying to plan for the future, and it's just impossible right now," said Mike Paustian, the president of the Iowa Pork Producers Association. "The only thing that's certain is that this problem is not going to go away anytime soon."

Largely because poultry plants are more automated, they didn't see as many virus outbreaks and closures, with production only falling about 5%, Sawyer said. The plants that did close temporarily were also smaller than some of the beef and pork plants that closed.

As meat plants scale up to full capacity, companies still must ensure that plants don't again become hotbeds of infections, said Mark Lauritsen, director of the food processing and meatpacking division for the United Food and Commercial Workers International union. The union represents roughly 80% of the country's beef and pork workers and 33% of its poultry workers.

"We're still seeing outbreaks," Lauritsen said. "It's a strange virus because it's hard to say where it will pop up next."

Lauritsen said many plants where hundreds of employees became infected have reopened since implementing safety measures. But other plants, like a JBS beef plant in Hyrum, Utah, are just now seeing outbreaks. The plant, where mass testing revealed that 287 employees had COVID-19 this week, has had to slow some of its operations, but it remains open.

The union estimates that 13,150 U.S. meatpacking plant workers been infected or exposed to the coronavirus and 57 have died of COVID-19, the disease caused by the virus.

As plants scale up to full capacity, Lauritsen said he's concerned they will ease up on safety measures.

Worker shortages also still seem to be a problem at some plants, with many employees cautiously returning to work. One labor staffing company in Arkansas, TEC Staffing Services, has held "drive thru hiring events" for poultry plants, seeking to fill hundreds of open positions.

Marisol Avelar, who works at a JBS pork plant in Worthington, Minnesota, said dozens of people are missing every day from her shift on the production line. When she was called back to work last month after the plant temporarily closed, her fears were somewhat assuaged by the safety measures the company had taken. She's still nervous, though, because of talk about infected workers.

"The company has done a lot of work trying to keep everyone safe, but people have continued getting infected," she said.

Precios minoristas de carnes bovinas aumentaron 13 por ciento en mayo

June 11, 2020 Retail beef prices jumped 13.2% from April to May, and 19.3% higher than May of last year. That's according to USDA's Economic Research Service (ERS), which reported May's all-fresh retail beef price was \$7.04 per pound, compared to April's \$6.22 per pound.

May's all-fresh retail beef price set a new all-time record high for the price series, dating back to July 1987, according to the Livestock Marketing Information Center (LMIC). The Choice retail beef price spiked to \$7.58 per pound, a 17.7% increase from April, and 22.9% higher than May of 2019.

"Looking further into retail beef prices, part of the increase was due to higher chuck (\$7.05) and round (\$6.90) prices in May which both rose 28.7% and 28.5%, respectively, from the same month last year," LMIC reports. "Both the chuck and round were likely diverted into making ground beef which increased to \$446.1 cents per pound, a 16.7% increase above last year and a record."

Retail pork prices rose 4.0% from the prior month and 4.2% from last year to \$4.05 per pound making it the highest price since November 2014 (\$4.06 cents per pound). The all pork chops retail price increase 15.4% from last year to \$3.97 per pound and the boneless ham price increased 9.7% from a year ago to \$4.55 per pound. Increases in both pork chops and boneless ham prices likely supported the gains in retail pork prices for the month.

The broiler composite retail price rose 8.5% over last year to \$2.04 per pound breaking the record price of \$2.03 per pound which was set last month.

"Much of the disruptions to livestock slaughter facilities from COVID-19 occurred during the month of May," LMIC said. "As capacity levels shrunk during the month, available supply levels became constrained but at



the same time consumer demand grew at retail stores. The short-term supply disruptions coupled with consumer panic buying led to the rise in retail price levels observed in the May ERS data. As capacity levels have steadily improved, retail prices will likely start to moderate lower from the highs in May.”

Sindicalistas reclaman mayores medidas de protección para los trabajadores

BY J. EDWARD MORENO - 06/10/20 The United Food and Commercial Workers International Union (UFCW) is asking Congress to pass legislation that protects meat plant and grocery store workers.

In a testimony before the House Oversight Committee UFCW President Marc Perrone called on lawmakers to expand paid sick days and paid family leave benefits that were included in the second stimulus bill.

“Millions of workers who lack access to paid sick days and paid family and medical leave are facing the devastating choice between risking their own health or risking the loss of a paycheck or job,” Perrone told the lawmakers.

They are also asking the government to require their employers to provide free personal protective equipment and protect workers from retaliation for speaking out about safety issues, as some have.

“Strong, anti-retaliation protections must be in place in order to ensure that workers who feel ill, or who are suffering from COVID-19, can remain at home, in quarantine for the full period of time recommended by the CDC, until it is safe to return to work,” Perrone said.

The U.S. The Department of Agriculture (USDA) announced Tuesday that meatpacking facilities are operating at more than 95 percent capacity compared to 2019 levels.

In May President Trump invoked the Defense Production Act to declare meatpacking plants “critical infrastructure,” compelling facilities to remain open during the pandemic.

COVID-19 lawsuits start piling up for businesses

On The Money: Key Democrat accuses Labor chief of 'misleading'...

The move came after several outbreaks in major U.S. meat processing plants left some worried of a potential meat shortage.

UFCW estimates that 225 of its members have died from the coronavirus and over 29,000 have become sick or exposed to the virus. The Midwest Center for Investigative Reporting found this week that the number of cases tied to such facilities has since increased by more than 100 percent to 20,400 infections across 216 plants in 33 states.

“Without these actions I can promise you that more Americans will needlessly get sick and die,” Perrone said.

Proceso judicial contra los 4 Grandes: denuncian maniobras que incrementaron los precios

12 June 2020

The four largest beef packers in the US – National Beef, JBS USA, Tyson and Cargill – are at the centre of a class action lawsuit filed by Central Grocers that alleges cattle market manipulation.

According to reporting in Beef Magazine, both the Department of Justice and USDA have recently investigated whether meat companies unlawfully fixed domestic beef prices. Although the Justice Department has not publicly confirmed its investigation, news sources told the magazine that the DOJ Antitrust Division sent a civil investigative demand to each of the defendants, seeking information about price fixing.

“While these investigations apparently were triggered most immediately by a spike in beef prices since the COVID-19 outbreak in the US, this spike is only one manifestation of defendants’ conspiracy,” the court document stated.

The lawsuit, filed in the District Court of Minnesota, alleges that the companies conspired to constrain beef supplies since early 2015. The four companies control approximately 80 percent of the fresh and frozen beef supplied to the US market – more than 25 million pounds.

“The existence of a conspiracy among the defendants was confirmed by at least one account by a confidential witness (‘Witness One’),” the court document noted. “Witness One, who was previously employed by one of the defendants, has confirmed that each of the defendants expressly agreed to reduce its cattle purchase and slaughter volumes with the purpose and effect of increasing their margins. Transactional data and slaughter volume records reported by defendants, information published by the US Department of Agriculture and defendants’ public calls for industry-wide slaughter and capacity reductions corroborate Witness One’s account.”

The lawsuit claims that the beef companies, “engaged in tactics – including purchasing fewer cattle than a competitive market would otherwise demand and running their processing plants at less than available capacity,” to create surpluses in the cattle market and subsequent shortages in the wholesale beef market. These moves drove down prices the companies paid for cattle, while simultaneously inflating the prices they could demand for finished beef.



AUSTRALIA

Continúa las tensiones con el gobierno chino

08 June 2020 Australia says that China is unresponsive to its efforts to reduce tensions between the countries.

According to reporting in Reuters, Australia says the China remains unresponsive to its weeks-long pleas to ease tensions between the two trading partners. The spat began after Canberra called for an international enquiry into the origins of the coronavirus pandemic.

Australia maintains that the call for an independent investigation into the pandemic, which many believe likely originated in a wildlife market in the Chinese city of Wuhan, was not politically targeted at Beijing.

China accused Australia of playing "petty tricks" and the Chinese ambassador to Australia warned Chinese consumers could boycott Australian products if Australia pursued the inquiry.

China has also since suspended beef imports from four of Australia's largest meat processors and imposed hefty tariffs on imports of barley, although both sides say those moves are unrelated to the spat over the pandemic.

Australian Trade Minister Simon Birmingham, who has been requesting discussions with his Chinese counterpart for weeks, said Beijing has been ignoring Canberra's pleas.

"Unfortunately, our requests for a discussion have so far been met negatively," Birmingham told Australian Broadcasting Corp (ABC) radio on Monday. "That's disappointing."

China is by far Australia's biggest export market, taking more than 30 percent of Australia's exports by value.

11 June 2020

Australian Prime Minister Scott Morrison tells reporters that the country won't trade values in response to "coercion" from China.

Reuters reports that the Australian Prime Minister said he would not be intimidated or give into coercion from China, a major trader partner, as Australian exports are hammered by bans and increasing tariffs. Diplomatic tensions between China and Australia have increased after Australia called for an independent inquiry into the source and spread of the novel coronavirus, angering Beijing. China recently put high tariffs on Australian barley and banned beef imports but claims that the moves are unrelated to the inquiry.

On 9 June, China's Ministry of Education said students should reconsider choosing to study in Australia, threatening Australia's fourth-largest export industry, international education, worth A\$38 billion (\$26 billion) annually.

"We are an open-trading nation, mate, but I'm never going to trade our values in response to coercion from wherever it comes," Morrison told radio station 2GB on Thursday.

China is Australia's largest trading partner, with two-way trade worth A\$235 billion a year.

Exportaciones firmes aunque afectadas por la retención de hacienda

Beef Central, June 7, 2020 BEEF exports to most destinations during May showed clear signs of the reduction in beef kills seen across eastern Australia in the second quarter this year, due to the lingering effects of drought on cattle supply.

Highlights included a 32 percent rise in export volume to the US over the previous month, as a result of the dramatic slowdown in US beef processing activity brought on by COVID plant closures.

Total exports to all destinations last month reached 98,565 tonnes – down almost 7000t or 7pc on trade seen in May last year, but 6pc better than April, which saw production slowed due to Easter and ANZAC Day holiday closures.

Calendar year to date, the first five months of 2020 have accounted for exports totalling just over 457,000t.

Australian eastern states slaughter for the four weeks ended 29 May averaged 127,000 head, some 10,000 head or 8pc lower than the preceding four full working weeks (Easter cycle excluded). Long gone are the weeks seen during 2019 when eastern Australia was consistently killing more than 160,000 head each week, during the herd liquidation phase.

That has had an impact on export performance in some markets.

In clear evidence that the Asian dragon is continuing to normalise after earlier COVID-19 shutdowns, China regained its position as Australia's largest export market by volume last month, taking 24,344 tonnes of Australian beef. More than 86pc of this was in frozen form.

While prices remain considerably lower than those seen late last year, according to trade analysts Meat International Group, volume into China continues to grow as food service outlets re-open and more people get back to work.

Exports to China last month were in fact up 6pc on this time last year, but to put that into context, the real surge in 2019 China exports did not appear until around mid-year.



Calendar year to date, China has now imported just over 104,000t of Australian beef – still about 9pc higher than the same five months last year.

Export volumes into Japan last month reached 23,495 tonnes, much the same as April shipments, but 12pc below May last year, as COVID-19 impacts on food service demand in Japan continued.

Calendar year to date, Japan has taken just over 116,000t of Australian beef, slightly ahead of the same period last year.

While US beef exports for May are not yet released, its January through April, beef exports totalled 433,316t, up 5pc from a year ago, the US Meat Exporters Federation reported on Friday. US exports achieved outstanding growth in Japan, where US beef was benefiting from reduced tariffs under the Japan Trade Agreement, MEF said. US exports also trended higher to China following late-March implementation of the US-China Phase One Economic and Trade Agreement.

Australia's exports to the US market showed signs of recovery in May after particularly low exports in April due to COVID shutdowns. Total east and west coast volume for May reached 20,517 tonnes, a sharp 24pc rise from the previous month, partly driven by COVID-related plant closures in the US, and earlier dockside difficulties.

For the first five months of 2020, Australian exports to the US have reached 88,419t, almost 15,000t or 14pc behind the same period last year. With US domestic fed cattle abundant and cheap in the US at present, Australian beef exports face a price challenge in the US market at present.

In other destinations, Australian exports have faced mixed results.

Tonnage into South Korea in May reached 13,780t, a little higher than April, and much the same as May last year. Calendar year to date, Korea has taken 62,500t, down about 6pc on the same period last year.

Volume exported to Indonesia last month reached 4465t, up about 5pc on the previous month, but slightly lower than May last year. Year to date exports are just above 23,300t, about the same as in 2019.

The Middle East trade continues to struggle under the impact of cheap and abundant exports out of South America, with Australia's volume last month at just 1476t. That represented a 30pc decline from April, and less than half the volume shipped in May last year. The five-month year-to-date total has reached 10,456t, down about 18pc on last year.

The European Union market continues to be hit hard by COVID, especially in food service orders, with volume last month at only 847 tonnes. A month earlier, trade totalled 567t, and this time last year, 1670t.

Calendar year to date, the EU has been responsible for 4276t of Australian beef, compared with 6132t for the same period in 2019.

11 June 2020

Key points:

Total beef exports grew 7% in May relative to April, but were back 7% on 2019 levels.

Exports to the US jumped as US meat packers faced significant capacity declines in May.

Competitive pressure in Asian markets briefly eased.

Australian beef exports were steady in May, reaching 99,000 tonnes swt. Relative to 2019, beef exports are now down 3% for the year-to-May. Tightening cattle supplies have flowed through and impacted export numbers, however, given the range of challenges and headwinds caused by COVID-19, this small decline shows the strength of Australia's diversified export industry.

Reduced beef production in the US places Australia at an advantage

As discussed last month, US beef production has faced a temporary trough due to COVID-19, causing a slowdown in chains and temporary closures of some meat packers in the US. Australian beef exports to the US jumped last month, climbing back to 21% of total Australian exports and reaching 20,500 thousand tonnes swt. This growth coincided with a sharp rise in the value of the US 90CL imported beef indicator, a common yardstick for measuring the demand for imported beef. Last week the 90CL indicator was up by 23% on prices seen in late April, highlighting the increase in US import demand as concern regarding domestic production emerged in the marketplace. While year-to-May exports to the US are down 14%, this can mostly be attributed to the impact of COVID-19 slowing foodservice channels, the prominent destination for Australian beef.

Australian beef exports to Asia solid as US exports dwindle

This rise in the price of the US 90CL indicator has coincided with a comparable dip in the volume of US weekly exports. The US is a major supplier of beef to South Korea, Japan, Taiwan and the Philippines, and with US exports struggling off the back of reduced production, this has been favourable towards assisting demand for Australian beef. For the year-to-May, exports to China and Japan have both grown relative to 2019, while other Asian destinations such as South Korea, Indonesia and Taiwan have dropped back slightly. Considering that NRLS cattle slaughter is running 10% back on last year, export volumes have been steady.

As discussed last week, other suppliers such as Brazil and India have been struggling with processing capacity as a result of COVID-19 implications. Lockdown measures in India have impacted exports of



Indian Buffalo Meat (IBM), which has supported demand for Australian beef in Indonesia. Indonesia accounts for roughly 5% of all Australian beef exports, and demand has remained steady, supported by the efficient manner in which Australian meat packers have managed processing and logistical challenges through COVID-19.

Market competition expected to return as meat packers adapt

While competitors have been struggling to maintain typical beef production levels, these trends will likely only remain in the short term. Last week US production levels returned close to volumes produced in the same week last year, and export volumes will likely follow in the coming weeks. As for Brazil and India, it is trickier to predict when volumes will recover due to the escalating number of COVID-19 cases and difficult nature of sourcing accurate production figures. However, it is expected that as meat packers adapt to new norms, production volumes will also recover to some level of normality. As these suppliers look to ramp production back up in the coming months we may see some heightened levels of competition placing pressure on prices.

After a remarkable decline in March, the Australian dollar has rallied back, once again breaking the 70 US cent mark on 5 June. The temporary drop in exchange rate was beneficial for the value of Australian exports through the initial outbreak of COVID-19. However, expectations are now for the Australian dollar to remain strong through the remainder of the year, limiting the upside potential for exporters.

Mayor frigorífico cierra durante una semana por la falta de ganado para sacrificar

29/05/2020 La escasez de ganado para sacrificio junto a la incertidumbre y la volatilidad de los mercados mundiales de la carne de vacuno son algunas de las causas que han llevado a JBS a cerrar durante una semana su matadero de Dinmore, cerca de Brisbane, durante una semana.

Las diferencias entre los altos precios que paga la industria cárnica por el ganado vacuno para sacrificio junto a la bajada de precios a nivel mundial ante la COVID-19 están detrás de la decisión.

En la planta de Dinmore, JBS sacrifica cerca de 1.370 cabezas por turno y suma unas 13.700 cabezas a la semana. Cuenta con cerca de 1.600 empleados.

Sector restauración camino a una gradual normalización

Jon Condon, June 11, 2020

AUSTRALIA'S food service sector is showing the first green shoots of recovery after being pole-axed by restaurant, hotel, café, conference and resort closures over the COVID-19 closure period.

The trend is being reflected in modest, but growing demand for red meat from wholesalers who service the food service trade. Quick-service restaurants like McDonald's have been much less affected, continuing a brisk take-away trade, but many middle and higher-end establishments have been shut since March.

Regulations over social gatherings in food service venues are easing, but still vary from state to state. As of this week, food service outlets can cater for between 20 and 50 patrons per enclosed space, in in-house dining. From 22 June, more states will increase to 50 patrons, and some plan to increase further to up to 100 patrons per enclosed space for the second half of July.

Some restaurants remain closed, having calculated that current patron limits are too low to justify turning on the burners. Others are working within the customer allowances, turning over multiple early and late table sittings under two-hour limits for lunch and dinner.

Financial commentator Alan Kohler's weekly report on ABC this week said restaurant bookings in Australia were on the way back.

Quoting traffic figures from online restaurant booking service, Open Table, Mr Kohler used the graph above to illustrate that bookings were currently down 40 percent from February levels, which was a 'lot better' than the 100pc falls from March and April.

People who have faced two months of self-isolation at home are evidently keen to get back to normal with eating out. On the tourism front, with regional trips in most states now either allowed or soon to be allowed, people are thinking about travelling. Web searches for "Melbourne hotels" and "Sydney hotels" have lifted sharply in recent weeks. It also looks like people are heading back to Airbnb, with searches up dramatically.

Trend evident in wholesale trade

Large national red meat wholesalers spoken to by Beef Central this morning all acknowledged that the food service sector was again "showing a heartbeat."

"We're starting to hear from customers in the trade again," one large multi-state trader said.

As evidence of this growing confidence in where food service meat trade was heading, he said his business was starting to 'arm itself' with good quality chilled meat it could add an aging period to, for sale later in June and July.

"While retail butchery and supermarket customer demand has remained strong right through, we're preparing ourselves for a lift in demand from restaurants, cafes and hotels, as they slowly get back to work," he said.



He said some people in the supply chain were still reluctant, because some had been ‘badly burnt’ during the COVID-19 closure crisis, with non-payment and meat returned to the supplier.

“The challenge right now is that there is no good quality chilled meat available with any (MSA) age on it,” he said.

“That’s because supply has been very tight. It’s broken the cycle of domestic meat held in storage for aging purposes, which now has to be repaired. And some wholesalers simply did not replace stock inventory that ran down a few months ago, due to uncertainty.”

Some of the older better quality meat carried-over after food service demand collapsed in April (both whole primals and portioned cuts) had since been frozen-down, and would now have to ‘work its way through the system.’ How much domestic meat is caught up in that is pure speculation, but it is likely to be significant, Beef Central was told.

What discount, if any, that good quality meat that had been frozen down attracted was yet to be seen. Some might in fact be sold ‘thawed’, as fresh meat, by unscrupulous operators, one wholesale contact warned.

“If it is whole cryovaced primals, check the pack date,” was his suggestion.

With grids for good quality MSA/Angus/certified grassfed type cattle in southern regions around 700c/kg in recent months, he said wholesalers still had to be ‘very careful’ in the current market.

“Some of the meat they currently have in stock may owe them a lot of money,” he said.

Asked how far the food service sector was along the recovery path, another large wholesaler said it was slow, but steady progress, at this stage.

“We think state borders will have to open, to really spark change in demand,” he said.

“Food service operators desperately need to get some money in their pockets, and the only way to do that is volume.”

The worst outcome for food service would be a relapse in COVID infections, forcing a second wave of food service closures, he said.

In sharp contrast with the food service segment, wholesale trade into retail continued at brisk levels, Beef Central was told.

“Retailers report coming off the extreme highs experienced earlier in the COVID cycle when consumers were stockpiling, but generally, trade remains strong,” he said.

One large butchery chain in Sydney reported recent trade down slightly on March/April, but still considerably better than pre-COVID turnover figures.

At the same time, large national retail chains like Woolworths, Coles and Aldi are scrambling to try to attract customers back, after losing some market share to independents during COVID.

Another clear trend at retail is in stocking more high-end (mostly Wagyu and longfed Angus) beef, seen as a ‘reward’ meal to be consumed at home while consumers are shut-off from eating out. In the absence of demand from restaurants and hotels, some very sharply-priced high-marbling beef was evident in Brisbane retail outlets on Saturday morning.

“People are prepared to spend that extra few dollars on a real quality steak to cook at home, while they cannot eat out,” one wholesaler said.

“Our meat trade with retailers is as good as it has ever been at present. But if we had the food service customers coming back into trade, it would take us to another level.”

“Our big concern in coming months is supply of quality meat, come August- September this year. We see it getting very tight, due to the drought impact, and meatworks have already started closing for short periods, as a result.”

Wholesale prices

While the normal season mid-winter demand trend away from barbecue cuts towards slow-cook items for casseroles and curries is in clear evidence, steak cut prices have held up much longer than normal this year, due to home confinement.

“Some cuts are lower, some higher, but if you take the overall into a cut-out figure, revenue is reasonably good,” one source said.

Larger volumes of beef again starting to be produced in the US (see today’s separate story) may put further pressure on Australian beef prices in export markets. If that happens in export, it often flows back into domestic trade as well.

“All that lean manufacturing meat that was going into the US a few weeks ago while the US plants were closed is now starting to slow down, and prices are starting to drop,” a trade source said. “And the US is building its own export volumes into Japan and Korea, where we compete head-to-head.”

“The fact remains that US cattle prices are at an all-time low. New Zealand is much the same, and Australian cattle are as dear as poison. Something has to give.”

Domestic wholesale price wise, the market was still ‘pretty good,’ considering the events of the past three months, the trade source said.



Striploins and cube-rolls this week were trading in a wide range, from cow cubes as low as \$12/kg this week up to \$28/kg for quality MSA/Angus type branded yearling product.

"Some of that better meat, at least, is filtering back into better food service outlets. It's just starting to get back there," he said.

"But its the other 75pc of product that is not consumed in Australia where the real challenge currently lies."

VARIOS

CHILE Incrementó su producción cárnica en el primer trimestre de 2020

08/06/2020

Los últimos datos ofrecidos por la Odepa de Chile muestran el buen comportamiento de la producción cárnica en el país a lo largo del primer trimestre del año. En el caso del vacuno, tanto la producción de carne como el sacrificio aumentó en relación al 2019. Para el caso de la producción, esta aumentó en un 11,4%, alcanzando un total de 57.253 toneladas.

La producción de carne de cerdo también subió hasta las 141.089 t, un 6,9% más que en 2020, y el conjunto de las aves también, rozando las 200.000 t en el primer trimestre, un 4,2% más. Dentro de esta última categoría hay que señalar una reducción del 9,5% en la producción de carne de pavos que se sitúa en 18.032 t.

En lo referente al comercio exterior, los datos de la Odepa recogen el comportamiento de enero a abril y señalan que en vacuno se alcanzaron las 6.658 t, un 54,1% más que en 2019. También crecieron las ventas de carne de cerdo que alcanzaron las 82.306 t y las de carne de aves que sumaron 49.326 t, un 9% más.

En cuanto a las importaciones, se redujeron las de vacuno en un 3,6% alcanzando las 65.176 t, las de porcino crecieron en un 1,2% hasta las 31.448 t, y las de aves llegaron a 37.645 t, un 12,1% más.

MÉXICO exportó más de 221 mil toneladas de carne en 2019

04/06/2020

Gracias a la política que impulsa el Gobierno de México para la diversificación de mercados y del trabajo conjunto entre la Secretaría de Agricultura y Desarrollo Rural y la industria cárnica, en 2019 México exportó a 65 países 221.657 toneladas de productos cárnicos y apícolas certificados.

El total de los alimentos enviados al extranjero fueron procesados en 140 plantas Tipo Inspección Federal (TIF), las cuales cumplen con los requisitos que establece el Servicio Nacional de Sanidad, Inocuidad y Calidad Agroalimentaria (Senasica) y con las exigencias de los países importadores, en temas de sanidad e inocuidad pecuaria.

En los mercados internacionales se vendieron 106.132 toneladas de productos y subproductos de porcino; 95 mil 078 toneladas de bovino; 11. 424 toneladas de ave; 5.380 toneladas de especies combinadas; 1.507 toneladas de equino; 1.497 toneladas de productos apícolas; 630 toneladas de caprino y cinco toneladas de carne de ovino.

Los principales consumidores de cárnicos mexicanos son Estados Unidos, Japón, Corea, China, Hong Kong, Cuba, Canadá, Guatemala, Chile, Alemania, Panamá y Nicaragua.

En puerta fortalecimiento de exportaciones a China y otros mercadosLas exportaciones a China se fortalecerán una vez que concluyan las negociaciones que llevan a cabo el Senasica y el Ministerio de la Administración General de Aduanas y de Sanidad de ese país para la comercialización de vísceras de cerdo y vacuno.

Un requisito indispensable para los mercados internacionales es la verificación in situ de las plantas que desean exportar sus cárnicos, por lo que, en 2019 el Senasica recibió nueve visitas técnicas de sus homólogos de Perú, Canadá, República Dominicana, Chile, China, Nicaragua, Guatemala, Corea y Taiwán, quienes, interesados en comprar cárnicos mexicanos, visitaron diversos establecimientos TIF.

EMPRESARIAS

Wendy's anunció que la oferta de carne ya es normal

By ALLISON SCHONTER - June 9, 2020 03:31 pm EDT

Amid the ongoing coronavirus, there is one sign of hope, at least for fast food lovers. On Monday, Wendy's announced that it's beef shortage is almost over. The news came in a Securities and Exchange Commission filing Monday, in which the company claimed that "at this point in time, beef supply has returned to near-normal levels across the Wendy's system," according to CNN Business. That timeline falls in line with one put out by Wendy's CEO Todd Penegor, who said last month that "the company would probably experience a "couple of weeks of challenging tightness" before returning to normal.



The beloved fast food chain, known for its fresh, never frozen beef, began experiencing a beef shortage in late April and into early May. During that time, some fast food lovers in California began to notice that the Wendy's app showed that only chicken items were available for takeout or delivery orders. Similar shortages appeared in Kentucky, where a location in Hazard, Kentucky stated that some items were unavailable.

In a statement to WYMT, the fast food chain explained that "beef suppliers across North America are currently facing production challenges," and due to that, "some of our menu items may be in short supply from time to time at some restaurants in this current environment." The statement added that Wendy's expected "this to be temporary, and we're working diligently to minimize the impact to our customers and restaurants."

As a result of the shortage, analysts estimated in May that nearly one in five of Wendy's restaurants were out of beef. That meant that approximately 1,000, or 18 percent, of the chain's 5,500 US restaurants were not serving any hamburgers or other meat-based items. Although Wendy's was more heavily impacted by the shortage due to its reliance on fresh beef, it was far from the only fast food chain impacted.

In April, McDonald's Canada announced that it would be removing Angus burgers from its menus and importing beef due to beef shortages. The announcement was made in a memo in which the company wrote that, "due to unprecedented COVID-19 impacts on the Canadian beef supply chain, we are temporarily adjusting our supply to incorporate beef from outside Canada – from pre-approved McDonald's suppliers and facilities globally – in order to meet the current demand, effective immediately."

The beef shortages were the result of the closure of a number of meat processing plants. As the coronavirus pandemic continued, some of these facilities have become breeding grounds for the virus and have seen some of the worse clusters, forcing some to temporarily close their doors and sparking concerns of food shortages.

Avanzadas negociaciones por la venta de Frigorífico Florida (Uruguay)

08 de junio de 2020

Están avanzadas las negociaciones de venta de Frigorífico Florida, informó Tv Florida y confirmó a Conexión Agropecuaria una fuente de la empresa. "Se está en la fase final de las negociaciones", dijo.

El medio floridense apunta a que los inversores serían argentinos, aunque desde la empresa prefirieron no dar detalles.

Luego de un tiempo sin actividad, el frigorífico -en manos de capitales venezolanos- había retomado la actividad a fines de 2019, con la producción destinada principalmente a China y al mercado interno. En setiembre del año pasado tuvieron una inspección virtual por parte de autoridades sanitarias chinas, en busca de la habilitación de esa industria, que finalmente fue concretada.

BRF cerró establecimiento en Rio Verde (Goias) por coronavirus

SAO PAULO (Reuters) - Food processor BRF SA has closed its largest plant in Brazil since last Friday as it tests some 8,600 workers there for the novel coronavirus, the company said in a statement on Wednesday.

BRF did not provide a timeline for the reopening of the Rio Verde facility, which is located in Goiás state and processes pork and chicken.

The company said it tested all employees at the facility between June 5 and June 6, and that 32% of the results are available. BRF did not reveal whether any workers at the plant tested positive for the virus, which causes the sometimes deadly COVID-19 illness.

A representative of the labor prosecutor's office told Reuters by telephone 480 of the applied tests had been processed, with 262 employees at the BRF plant testing positive for the virus.

BRF did not have an immediate comment on the results it received.

The labor prosecutor's office said BRF used Polymerase chain reaction (PCR) tests on the workforce, and after a high rate of infections, the company voluntarily closed the plant and decided to retest employees.

BRF had said earlier in the day that starting on Wednesday it would conduct additional testing in groups of employees in a bid to reopen the massive plant under the safest possible conditions, but did not elaborate on the reasons.

Brazil has emerged as the latest pandemic epicenter with more than 739,500 confirmed COVID-19 cases - second only to the United States - and more than 38,000 related deaths reported.

Frigochorti realiza embarque a SUIZA (Paraguay)

08/06/2020 Ha enviado 3 t de carne de vacuno a Suiza

Después de varias semanas de inactividad en el continente europeo, la industria cárnica paraguaya ha vuelto a exportar a Europa a través de un envío hecho por la firma Frigochorti a Suiza.



En concreto se trata de 3 t que se han enviado aprovechando un vuelo humanitario para la repatriación de paraguayos, informa Última Hora. El anuncio fue hecho por el presidente del Senacsa, José Carlos Martín y la carne fue enviada con el avión de vuelta al continente europeo.

Frigochorti es una de los 10 mataderos autorizados a exportar carne de vacuno. Desde la Cámara Paraguaya de la Carne, su gerente, Daniel Burt, ha indicado que se está reactivando el envío de producto a Europa tras la reapertura del canal de hostelería.